

A romantic couple is shown in a close embrace, nearly kissing. The man's hand is gently cupping the woman's face. They are positioned in the upper half of the frame. The background features a vast mountain landscape with rolling hills and valleys, bathed in the warm, golden light of a sunset or sunrise. The sky is filled with soft, wispy clouds. The overall mood is intimate and romantic.

Entre tapas e beijos

EVA K



Entre tapas e beijos

EVA K

Copyright © 2020 - EVA K

Capa: L.A. Design

Revisão: Christine King, Fabi Dias e Eva K.

Diagramação: Denilia Carneiro – DC Diagramações

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

ENTRE TAPAS E BEIJOS

1ª Edição - 2020

Brasil

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e / ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

[SINOPSE](#)

[CAPÍTULO 1- QUE COMECEM OS JOGOS](#)

[CAPÍTULO 2 - CARTAS NA MESA](#)

[CAPÍTULO 3 – QUEM VAI CANTAR DE GALO?](#)

[CAPÍTULO 4 – HÁ MALES QUE “VÃO PARA BELÉM”](#)

[CAPÍTULO 5 - AI, QUE CALOR! ME USA E ABUSA!](#)

[CAPÍTULO 6 - NÃO HÁ BEM QUE SEMPRE DURE, NEM MAL QUE NÃO SE ACABE](#)

[CAPÍTULO 7 - UMA CACHAÇA E UMA NOVA CHANCE](#)

[CAPÍTULO 8 - ONDE FOI QUE NÓS PARAMOS?](#)

[CAPÍTULO 9 - UMA TRÉGUA](#)

[CAPÍTULO 10 - DEU ZEBRA](#)

[CAPÍTULO 11 - CORRENDO ATRÁS DO PREJUÍZO](#)

[CAPÍTULO 12 - PROPOSTA INDECOROSA](#)

[CAPÍTULO 13 - FINAL FELIZ?](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[APRESENTAÇÃO DA AUTORA](#)

[OUTROS LIVROS DA AUTORA](#)

[REDES SOCIAIS](#)

?? Entre tapas e beijos

É ódio, é desejo

É sonho, é ternura

Um casal que se ama

Até mesmo na cama

Provoca loucuras ??^[1]



Eles vivem em conflito.

Mariana e Teo são encrenqueiros e não se entendem. Ele é *enfezadinho*, e ela não leva desaforo pra casa!

Em meio às provocações mútuas, esse grosseirão e essa insolente vão descobrir que mesmo na guerra encontra-se paixão.

Uma boa disputa pode ser o combustível ideal para alimentar as labaredas do prazer.

Para fazer as pazes, nada como uma noite tórrida! Nisso, esse casal é imbatível!



Capítulo 1

Que comecem os jogos

Teo

Subi os últimos degraus antes de alcançar o pequeno nicho que dava acesso à entrada do casarão onde ela morava. Parei um instante para apreciar a paisagem que se despontava abaixo de mim. A cidade de Ouro Preto, com as torres de suas igrejas, telhados vermelhos, ladeiras íngremes e calçadas com pedras pé-de-moleque, se exibia lindamente em meio às montanhas verdes, formando um quadro familiar. Essa era a minha cidade, minha referência, meu ninho.

Então me virei de frente para o casarão que pretendia visitar, onde durante toda a sua vida morara seu Francisco, o avô dela. Eu gostava do velho. Tivemos oportunidades de jogar cartas algumas vezes. Ele era bom no blefe e se tornara um oponente à altura. Lembrei-me com nostalgia do Truco regado àquela excelente cachaça artesanal que seu Francisco sempre tinha em casa.

Mas agora seu Francisco não estaria ali, ele não estava mais neste plano terrestre. Morrera há alguns meses. Era um homem honrado e, lá de cima, devia estar envergonhado do comportamento repreensível de sua neta, sua herdeira. Era ela quem eu vinha visitar para tratar de um assunto que me aborreceu enormemente. Já não simpatizo com a criatura, sem nem mesmo me lembrar direito dela. Sei que foi pra Belo Horizonte no final da adolescência e nunca mais a vi por aqui. Ouvi dizer que foi estudar no exterior. Deve ser uma metidinha dessas que vai para outro país e pensa que foi ungida pelos deuses.

Reparei melhor na casa. Ela parecia bem conservada, considerando que deveria ser centenária. Imersa na vegetação densa das montanhas de Ouro Preto, a casa tinha janelões pintados de azul colonial que se debruçavam sobre a cidade. As paredes grossas davam um aspecto sólido, e o pé direito alto a deixava imponente. Mas era também muito aconchegante, como se estivesse sempre aberta para acolher quem precisasse e fosse receber o

visitante com um café em cima do fogão à lenha e um pão-de-queijo quentinho.

Usei a aldrava, aquelas antigas argolas de metal, ainda muito comuns por ali, para bater na enorme porta de madeira maciça, daquelas que já não se faziam mais. E como era costume na região, gritei:

— Ô de casa.

Aguardei alguns segundos e ouvi:

— É de paz? — respondeu uma voz de mulher lá de dentro. — Já vou abrir.

A porta se abriu e dona Cida, uma senhora corpulenta que trabalhava com a família há muitos anos, recebeu-me com um sorriso simpático e amistoso, enxugando a mão em um pano de prato preso à sua grossa cintura. Ela sempre me lembrava a Tia Nastácia, a personagem de Monteiro Lobato. Era reconhecida como uma cozinheira de mão cheia pelo povo da cidade.

— Seu Teo? Quanto tempo não te vejo. Nunca mais o vi desde a morte do seu Francisco. Vamos entrar.

Ela me deu passagem e me indicou para atravessar o saguão e apontou para uma saleta com algumas poltronas gastas, pertencentes ao mobiliário original do casarão.

— Quer um cafezinho? Acabei de passar. Trago com uns biscoitos de polvilho que acabei de assar para Mariana. Você precisa se alimentar melhor, está mais magro do que a última vez que o vi. Deve ser essa vida desregrada dos jovens.

Pensei comigo que, devido ao assunto desagradável e ao meu humor beligerante, não deveria aceitar qualquer agrado da anfitriã. Mas como recusar aquele biscoito que derretia na boca?

— Aceito, sim, dona Cida. Recusar seria pecado e quero muito ir pro céu — respondi com gentileza tendo em vista que minha animosidade não deveria se dirigir a ela.

— Vou lá buscar. Mas antes vou avisar dona Mariana que o senhor está aqui. Tenho certeza que não veio aqui apenas pra comer meus biscoitos. Sente-se, fique à vontade — disse, já saindo na direção de um corredor com várias portas muito altas também pintadas de azul colonial, como as janelas.

Não cheguei a me sentar. Eu estava um tanto tenso e impaciente. Prefери aguardar em pé.

Alguns instantes depois, ela retorna e anuncia:

— Dona Mariana está trabalhando e falou pro senhor ir até lá — disse, apontando para a terceira porta à direita. — Levarei café e biscoitos pra vocês lá.

Pronto. A “madame” se acha muito importante e eu a estou incomodando. Mais um ponto no grau de antipatia que desenvolvi por ela. Respiro fundo de modo a me conter para não a mandar praquele lugar. Precisaria ter calma para lidar com a situação da forma mais civilizada possível.

— Obrigada, dona Cida. Com licença. — disse, caminhando na direção apontada, onde havia um facho de luz saindo de uma das portas.

Eu me aproximei e pude ouvir os versos de uma música vindo do seu interior.

“Você pega o trem azul, o Sol na cabeça

O Sol pega o trem azul, você na cabeça

Um sol na cabeça”^[2]

Era Lô Borges. Parecia que, pelo menos na música, ela não tinha perdido suas origens mineiras.

Ao chegar à porta indicada, primeiro olhei sorrateiramente para o interior do ambiente, tentando estudar o território e analisar o “inimigo”. Com isso, senti um impacto e um golpe inesperado. Havia uma mulher muito bela, sentada em um banco alto, em frente a um cavalete com uma tela. Ela segurava uma paleta de tintas e mordiscava o cabo de um pincel largo. Estava

perto de um dos janelões que abriam seu olhar para a mata e a cidade lá embaixo que ela contemplava de maneira reflexiva.

Essa era a Mariana? Eu me lembrava dela como uma pirralha que andava de tênis e camisetas velhas e largadas, sempre perseguida pelos moleques na puberdade cujos hormônios estavam inflamados. Ela era bonita, mas tinha um jeito displicente e “blasé”, indiferente, como se ninguém ali estivesse à sua altura.

Agora eu via uma mulher feita, perto dos 25 anos de idade. Embaixo do vestido solto, larguinho, era possível vislumbrar suas curvas, agora mais generosas, embora ainda fosse bem magra. A roupa curta, deixava aparente as coxas bem torneadas. Curiosamente, ainda usava tênis semelhantes aos daquela época. As alças do vestido estavam caídas. Os ombros nus e o contorno dos seios ressaltados no decote, pareceram-me... sensuais... “Não”. Sacudi a cabeça para colocar o pensamento na perspectiva correta. Ela era uma mau-caráter com quem eu teria um embate. Eu deveria pensar com a cabeça de cima, somente.

Passei a analisar o ambiente. Era um cômodo amplo, com pé direito alto, com várias janelas em duas das paredes dando uma visão de 180 graus da cidade e da vegetação. Era uma vista privilegiada da linda paisagem. Havia outros cavaletes e várias telas espalhadas. Uma mesa grande de

madeira no centro da sala continha vários potes de tintas, pincéis, espátulas e outros instrumentos de pintura. O cheiro forte de tinta e solvente tomou minhas narinas. Era um cheiro familiar. Naquela cidade histórica, havia muitos ateliês de artes plásticas e muitas galerias que exalavam esses aromas para as calçadas onde passávamos.

As pinturas, de óleo sobre tela, continham representações expressionistas da paisagem vista exatamente da perspectiva em que ela se encontrava, com predominância de linhas retas e cores muito fortes. Algo me remeteu aos quadros do Ivan Marquetti. Não entendo de arte, mas pareciam uma sobreposição entre o realismo e o fantasioso. Ouvi dizer que seus quadros tinham um bom valor de mercado e deveriam ser caros. Sou relativamente ignorante sobre arte. Para mim, existem apenas duas formas de avaliar: “gostei” e “não gostei”. Nessa minha avaliação, classifiquei como “gostei muito”.

Enquanto eu elucubrava, ela se apercebeu da minha presença e se virou para mim. Recebi outro golpe. Grandes olhos, como aqueles das figuras de mangá, se voltaram para mim e me desestabilizaram. Havia brilho, sagacidade, alma e coração naquele olhar. Não correspondiam à imagem de uma *dondoquinha* supérflua que eu havia imaginado. Era um olhar profundo e, neste momento, traduziam curiosidade.

— Teobaldo. Este é o seu nome, né? A Cida me disse que queria falar comigo. Entre, venha, sente-se aqui — dizia ela enquanto tirava umas tranqueiras de cima de uma cadeira perto da mesa.

— Sim. Este é o meu nome de batismo. Parece que meu pai não pensou nas consequências quando quis homenagear o livro “Grande sertão veredas” e fui eu que paguei o pato — fiz o gracejo que eu sempre fazia quando tinha que apresentar meu nome. — Mas pode me chamar de Teo.

Entrei no ambiente, mas não me sentei na cadeira oferecida. Se o fizesse, ficaria abaixo do nível dela, que continuava sentada no banco alto. Essa não era uma posição estratégica para o embate que eu suspeitava que se travaria entre nós.

— Acho que me lembro vagamente de você. Você não era muito, digamos, sociável... Mas eu o via em um Jipe barulhento que atravessava a praça Tiradentes vez ou outra quando eu estava na sorveteria. Ainda tem aquele dinossauro? — perguntou ela, rindo-se de sua brincadeira. Mas eu não gostei. Meu Jipe não era mais barulhento que os outros e era um veículo de trabalho.

— Desculpe-me se incomodei seus ouvidos sensíveis. Mas eu estava trabalhando enquanto alguns jovens avoados gastavam seu tempo bebendo ou fumando um baseado — rebati de modo a provocá-la.

Ela percebeu minha animosidade e pareceu ficar desconcertada por alguns instantes. Mas recuperou-se da surpresa e tentou aliviar o clima, como se não tivesse entendido a acusação indireta que fiz.

— Se estava trabalhando, quem pode condená-lo, não é? O trabalho dignifica o homem. Conheci seu pai também. Ele e o meu avô eram amigos. Como ele está? E sua mãe? Estão todos bem?

A conversa sobre minha família funcionou para desarmar meu ânimo. Minha família é muito valiosa pra mim e qualquer um que se preocupe com eles terá meu carinho. Ela foi esperta.

— Estão todos muito bem, graças a Deus. Minha mãe insiste em fazer seus bordados e oferecer aos turistas. Meu pai passa mais tempo na fazenda. Ele gosta de lugares sossegados. — Lembrei-me que ainda não havia falado com ela depois da morte de seu Francisco e acrescentei: — Quero apresentar minhas condolências pela morte do seu avô. Era um bom amigo.

Ela apenas assentiu e ficou em silêncio, avaliando-me. Percebi seu olhar vagando pelo meu rosto, com a barba por fazer. Depois desceu as vistas para o meu peito vestido com uma camisa jeans e passou pelo meu torso, calça e botas. Fui totalmente escrutinado. Seu olhar pareceu ser de aprovação. Sem falsa modéstia, exerço uma boa impressão nas mulheres. Nunca foi difícil encontrar um corpo quente com o qual passar as noites frias de

inverno. Aliás, mais difícil era livrar-me daquelas que não entendiam o conceito de “sem compromisso”.

Pelo silêncio que se sucedeu, entendi que ela estava esperando que eu justificasse aquela visita inesperada. Então pigarrei e iniciei o assunto desagradável que me levava ali.



Capítulo 2

Cartas na mesa

Mariana

Vi que ele assumiu uma postura mais severa e desconfiei que iniciaria uma conversa que não o deixava à vontade. Analisei-o atentamente e constatei que ele ficou mais bonito que antes. A maturidade lhe fez bem. Ou talvez eu nunca tivesse reparado nele devidamente. Quando parti da cidade, eu tinha apenas 16 anos, e ele já devia ter uns 26, já era formado em engenharia de minas. Não estava no meu, digamos, portfólio. Naquela época, eu tinha um séquito de admiradores, mas eram rapazes jovens e muito imbecis. Todos sequiosos por um sexo fácil, mas incapazes de elaborar uma

sedução inteligente que me enredasse. Foi apenas em BH, alguns anos depois, que encontrei rapazes mais competentes na arte do encanto, aos quais me entreguei.

Esse Teo que estava na minha frente era muito charmoso, tinha um belo porte e uma aura viril. Mas não estava com cara de bons amigos. Certamente não veio flertar comigo. Em estado de alerta, deixei a paleta e o pincel no aparador do cavalete e preparei-me para ouvir o que tinha a dizer.

— Minha visita, Mariana, infelizmente, não é de cortesia — iniciou ele, comprovando minha desconfiança. — Tenho uma questão a esclarecer com você.

Sua explanação foi interrompida pela chegada da dona Cida com uma bandeja com xícaras de café e uma cestinha com biscoitos de polvilho e de queijo. Ela os colocou em um espaço desocupado na grande mesa no centro do ateliê, onde eu deixava meus instrumentos e tintas.

— Cruz credo, dona Mariana, quase não tem lugar desocupado nessa mesa. Tá muito bagunçado. A senhora precisa arrumar isso — reclamou ela, pela décima vez só naquela semana. — Tá aqui: cafezinho e biscoitos quentinhos. Comam antes que esfriem.

Dito isso, ela pegou as xícaras e entregou uma a cada um de nós antes de seguir rumo à saída do ateliê. Mas não sem antes dar uma olhada de um

para o outro de nós dois, percebendo o clima estranho.

Dei um gole no café, incentivando que o Teo fizesse o mesmo, Ele deu um gole, repousou a xícara na mesa e voltou-se pra mim, retomando seu discurso.

— É sobre sua invasão nas minhas terras, lá perto do rio do Carmo — disse, assim na lata.

Fiquei sem entender. Como assim: invasão? Eu não pertenço a nenhum movimento de ocupação rural ou nada parecido. Do que ele estava falando? Meus neurônios estavam começando a trabalhar na tentativa de compreender a situação quando ele acrescentou:

— Semana passada vi um *drone* vasculhando minhas terras. Perguntei por aí e descobri que pertence a uma empresa de georreferenciamento que está a seu serviço. E ontem vi uma caminhonete depositar várias vigas de madeira e rolos de arame por lá. Me disseram que você pretende cercar a área. — Ele se aproximou um pouco mais de mim e fixou o olhar no meu, como se buscasse a verdade em mim. — Posso saber por que pretende cercar as “minhas” terras?

— “Suas” terras? Como assim? Ao que me consta, e comprovam os relatórios de georreferenciamento, as terras pertenciam ao meu avô e agora pertencem a mim, uma vez que, como você sabe, meus pais faleceram

quando eu ainda era criança. Sou a única herdeira.

— Na-na-ni-na-não — contestou ele, balançando a cabeça enfaticamente. — Aquelas terras, com aquelas coordenadas, são minhas, faziam parte da fazenda Mina D'Água e eu as comprei há 10 anos no intuito de explorar o minério ali existente.

— Como assim? A Mina D'Água fica ao sul das terras do meu avô, mas bem depois daquele trecho — comecei minha argumentação, mas fui interrompida de forma grosseira.

— Tenho os documentos cartoriais para comprovar. Talvez a senhorita, lá da Europa, tenha achado que isso aqui é terra de ninguém e que é só ir pegando e pronto.

Até aquele ponto, eu estava na defensiva. Mas, ao perceber que eu estava sendo acusada de agir com má-fé, fiquei muito irritada e decidi partir para o ataque.

— Se tem alguém aqui querendo pegar o que não lhe pertence, esse alguém é o senhor — falei rispidamente, depositando a xícara na mesa, de forma barulhenta, e postando-me com o peito erguido a demonstrar que não o temia. — Também tenho documentos. Está tudo no inventário que o advogado me passou e posso lhe mostrar agora mesmo. E você? O que tem aí pra mim, sabichão?

Minha nova postura surtiu efeito. Ele recuou um pouco, ainda me fitando, e falou, dessa vez com um tom de voz mais conciliador:

— Eu não trouxe os documentos comigo. E não desejo ver sua documentação agora. Convido a senhorita para irmos juntos ao cartório de registros imobiliários e será o tabelião a lhe dizer que as terras pertencem a mim.

Dito isso, ele se afastou, indo em direção à porta. Mas estacou, deu a volta, foi à mesa onde estavam o café e os biscoitos de queijo, pegou um punhado deles, enfiou alguns no bolso da camisa e um na boca. Falando com a boca cheia, de forma quase ininteligível, ele me convocou:

— Que tal amanhã, às 10h, no cartório da rua da Matriz? — E ainda completou em um tom sarcástico: — E pode levar seu advogadozinho pra te explicar as coisas práticas e segurar sua mãozinha de artista.

Aí foi demais pra mim. Ele estava insinuando que, pelo fato de eu ser mulher ou uma pintora, eu não seria capaz de resolver a situação sozinha? Que machista! Não aguentei.

— Seu babaca — disse, enfiando a mão no bolso da blusa onde ele colocara os biscoitos, tomando-os de volta. Não ia deixar aquele insolente se refestelar com os biscoitos da Cida. — Estarei lá e não precisarei de guarda-costas... Cachorro que ladra não morde.

Ele me olhou espantado com a minha atitude, mesquinha, admito, de pegar os biscoitos de volta. Mas apenas confirmou antes de virar as costas para sair:

— Nos veremos lá, gata larápia.



Capítulo 3

Quem vai cantar de galo?

Teo

Eram 10h10 e a folgada ainda não havia aparecido. Será que ela havia desistido? Por alguma razão, eu me senti frustrado. Talvez ela não quisesse mais me ver. Admitia que fui muito grosseiro. Não era essa a minha intenção, mas alguma coisa instintiva e primitiva ecoou em mim. Eu queria provocá-la, despertar uma reação. Parece que consegui. Mas agora eu estava preocupado que ela mandasse apenas o advogado e não quisesse mais me ver...

E daí se eu não a visse mais? Eu não deveria me importar com isso. O importante seria desfazer essa confusão de uma vez por todas. Demorei

algum tempo para elaborar os projetos de exploração e os alvarás ambientais para poder retirar o minério com o mínimo de dano à natureza da região. Por isso ainda não havia iniciado as obras. Agora eu tinha tudo pronto, inclusive o financiamento necessário, e não deixaria a espertinha se dar bem.

Encostado no meu Jipe, em frente ao cartório, eu decidi esperar apenas mais 5 minutos e, caso ela não aparecesse, teria que entrar com um pedido judicial de desocupação ou reintegração de posse... alguma dessas coisas jurídicas. Preferia que não fosse assim. Seria ainda mais burocracia e atrasos nos meus planos.

Em meio a esses pensamentos, eu a vi descendo a ladeira, a pé. Ela usava um macacão de alças e seus característicos tênis. Não havia blusa embaixo do macacão... menos ainda sutiã. Como sabia disso? Haaaa... eu era *expert* no assunto. Seu estilo era fora dos padrões, meio *underground*, também libertário, eu diria. Deve ter aprendido lá na Europa. Lamentei que não estivesse de vestido para que eu pudesse ter uma bela visão das suas pernas. Mas a falta de sutiã compensava.

Ela carregava uma pasta, e seus cabelos curtos, alvoroçados pelo vento, encobriam insistentemente seus olhos, obrigando-a a retirá-los do rosto. Somente a uma pequena distância de mim, ela se deu conta da minha presença. Olhou-me com ousadia, de forma desafiadora. Por alguma razão,

senti orgulho dela. Ela não se deixava intimidar. Aquela gatinha *surrupiadora* de terras tinha personalidade.

— Está atrasada — resmunguei quando ela chegou ao alcance da minha voz.

— E você continua mal-educado. Primeiramente, deve-se cumprimentar as pessoas. Bom dia, senhor “Teobaldo”.

Eu me desencostei do carro, murmurei um “bom dia” e, sem lhe dar mais ousadia, segurei seu antebraço educadamente, conduzindo-a para a entrada do cartório. O vento trouxe seu cheiro até mim. Era uma mistura de tinta com essência de mulher. Uma mistura perigosa, talvez tóxica. Minha mão em sua pele também recebeu estímulos intrigantes. Sua pele estava fria, em razão do vento fresco, e tive vontade de envolvê-la, abraçá-la e aquecê-la.

Nós estávamos com o pé na soleira do velho sobrado que abrigava o cartório quando um homem de terno nos interceptou.

— Consegui chegar a tempo — disse ele, tomando para si, de forma possessiva, o braço da Mariana que eu segurava.

Ela olhou espantada para ele.

— Marcos, eu disse que não precisaria vir. Sei cuidar de mim — disse ela, arrancando seu braço da mão que o segurava. — Já tenho os documentos que preciso. Pode ir embora que eu cuido disso.

Tive vontade de puxar o braço dela novamente para mim e mostrar para o palhaço quem era o alfa ali. Mas contive mais esse ímpeto primitivo e esperei que eles se resolvessem. Não sem antes fazer um comentário sarcástico para instigá-la mais.

— Pelo jeito, seu amigo não acredita na sua capacidade. Ou talvez esteja mancomunado com você e deseja fazer parte do teatrinho.

Mas me arrependi no mesmo momento que falei. Eu havia ido longe demais. Eu estava querendo provocá-la, mas exagerei na dose.

Ela me fulminou com o olhar, e seus lindos lábios formaram uma linha fina enquanto sua testa se franzia. Tive vontade de sair correndo para as montanhas. Mesmo com sua baixa estatura em relação à minha, ela me deu medo.

— Chega! — ela disse, rosnando entredentes. — Você não tem limites? Ouviu o que disse? Está me acusando sem sequer deixar eu fazer minha defesa.

Ao mesmo tempo em que ela falava, o palhaço postou-se ao lado dela, enlaçou-a pela cintura e acrescentou.

— Senhor Teobaldo, sou o representante da senhorita Mariana e não vou deixar que a destrata. Se não se portar civilizadamente, não vou deixar que se dirija a ela diretamente. Será apenas comigo que tratará quaisquer

questões.

Eu não podia culpá-los. Eu realmente havia ultrapassado os limites. Então retrocedi e tentei reparar minha atitude.

— Certo. Peço desculpas pelo meu comportamento, Mariana. — Abaixei a voz e usei seu nome próprio de maneira informal para estabelecer uma nova conexão. — Tive problemas com meu pai hoje pela manhã e ainda estou sem tomar café. Estou sob tensão e com fome. Me dê um desconto. Vamos apenas entrar, esclarecer as coisas e eu não a perturbarei mais — falei humildemente.

Para minha surpresa, o semblante dela se desanuviou e seu olhar para mim transpareceu simpatia.

— O que houve com o seu pai? Ele está bem? — perguntou de uma maneira que me fez achar que sua preocupação era legítima. Fiquei desarmado com essa gentileza e gaguejei.

— Si-sim... agora ele está bem. Apenas teve um aumento da pressão. Mas conseguimos estabilizá-lo. Ele é teimoso e não toma os remédios corretamente. Não se preocupe.

E novamente, ela me surpreendeu. Voltou-se para o tal *almofadinha* e pediu:

— Marcos, por favor, deixe que eu resolva isso com o Teo. Volte para

o seu escritório.

Ele fez um movimento para retrucar, mas ela o empurrou de volta para a rua, caminhou com ele alguns passos pela calçada e trocou algumas palavras em um tom baixo, de modo que eu não pudesse ouvir. Finalmente, o cara pareceu concordar, lançou um olhar de advertência para mim e se afastou depois de avisar:

— Comporte-se, senhor Teobaldo. Ou se verá comigo.

Eu o vi se afastar e, como uma criança, tive vontade de fazer careta nas suas costas, botar a língua para ele e cantarolar: “*looser*”. Talvez ainda adicionasse uma dancinha da vitória.

De certa forma, fiquei orgulhoso da gatinha afrontosa. Ela havia optado por despachar o engomadinho e entrar na briga apenas no mano-a-mano.

Com meu ar triunfal, eu me virei para Mariana e flagrei seu olhar divertido para mim.

— Está feliz agora, Teo? É o único galo no terreiro. Não precisa mais se sentir ameaçado. Vamos ao que interessa — disse, virando-se para o interior do cartório.

— Este galo aqui vai ficar feliz quando seu terreiro nas margens do rio do Carmo estiver seguro. Aí, sim — resmunguei sem que ela me desse mais atenção. Enquanto ela caminhava na minha frente, em direção à mesa do

tabelião, dei uma manjada no seu belo traseiro. Decididamente, eu não estava agindo de forma civilizada. Eu estava me comportando mesmo como um animal selvagem. Repreendi-me. Mas essa mulher tinha um efeito estranho sobre mim. Ela me tirava do sério.



Capítulo 4

Há males que "vão para Belém"

Mariana

O tabelião reuniu vários documentos relativos àquela porção de terra e nos debruçamos sobre eles para verificar. Aparentemente, uma parte ao norte das terras que o Teo alegava ter comprado se sobrepunha a uma parte ao sul da fazenda do meu avô. Uma gleba no norte da fazenda Mina D'Água fora vendida para o Teo. No entanto, uma parte dela coincidia com alguns hectares ao sul da fazenda do vovô.

Os documentos da fazenda Mina D'Água eram tão antigos quanto os documentos da fazenda do vovô. Naquela época, não havia

georreferenciamento por satélite e a medição e limitação das terras era feita por agrimensores com equipamentos rústicos.

Estava feita a confusão. Nenhum de nós saberia dizer, afinal, a quem pertencia aquele pedaço de terra. Teríamos que encontrar uma solução justa para esse impasse.

Confesso que a mim não incomodava tanto. Eu ainda não havia feito planos para aquelas terras, queria apenas preservá-las como vinha fazendo o meu avô. Mas Marcos, que foi o administrador do espólio, havia me convencido de que deveríamos explorá-la de alguma forma. Ele desejava formar uma sociedade comigo. Eu me deixei levar por sua lábia, mas não estava feliz com aquilo. Também estava me sentindo incomodada com o seu flerte. Ele, claramente, queria uma sociedade além dos negócios.

Eu? Eu só queria pintar meus quadros de paisagens urbanas e viajar pelo interior de Minas Gerais, retratando outras cidades históricas como Mariana e Tiradentes, dentre outras. Apenas isso.

Mas, diferentemente de mim, Teo parecia muito aborrecido, transtornado. Lamentei por ele.

Sáímos do cartório juntos e ele insistiu em me levar em casa naquele Jipe empoeirado e barulhento dele. Sua agressividade comigo havia se dissipado depois que conferiu que eu também era uma vítima naquela

confusão. Trocamos algumas palavras pelo caminho, e Teo disse que pensaria em uma solução para o nosso impasse e voltaria a me procurar.

Quis reconfortá-lo e convidei-o para almoçar lá em casa. Já era perto das 12h e eu sabia que ele não tinha tomado café. Mas ele recusou meu convite, informando que precisava voltar à casa dos pais e conferir se estava tudo bem com eles.

Quando chegamos em frente à minha casa, por alguma razão que o universo deverá saber, eu insisti no convite:

— Se não pode aceitar o almoço, deveria aceitar o jantar. A comida da Cida é irrecusável.

Ele titubeou um momento antes de responder, talvez analisando quais seriam minhas reais intenções com aquele convite.

— Ok. Você acertou no meu ponto fraco. Não tenho como recusar. Pode ser às 20h? Tenho algumas tarefas pra fazer na mineradora onde trabalho e devo terminar tarde.

Concordei com uma piscada de olho e desci do Jipe, pulando por cima da porta fechada, como eu fazia quando criança. Ele pareceu se divertir com aquilo e apenas acenou enquanto arrancava com o carro.

Não demorou muito para que Marcos aparecesse lá em casa e se convidasse para o almoço. Ele estava forçando a barra e estava se tornando

inconveniente.

Quando voltei a Ouro Preto, depois do falecimento do meu avô, eu não tinha ideia do quão saudosa eu estava da cidade, do seu povo, da sua culinária, de suas montanhas, das suas igrejas e ladeiras. Terminei minha formação em belas artes em BH e depois fui para a França me aperfeiçoar. Foi tudo muito maravilhoso. Mas algo estava faltando. Descobri o que era quando voltei a Ouro Preto: eram as minhas raízes.

Eu queria ser abraçada pela cidade da mesma forma que o casarão do vovô me acolhia. Eu queria reviver a sensação de pertencimento. Aqui era o meu lar.

Mas houve questões burocráticas a resolver. Na herança, havia o casarão, alguns bens na cidade e algumas terras rurais. Nunca tive aptidão administrativa, precisei de ajuda do advogado nomeado para a administração do espólio. Assim o Marcos entrou da jogada.

Como tudo tem seu preço, atualmente, sentia-me importunada por um “mala” que, obviamente, tinha interesses financeiros na situação. Embora não gostasse, estava me esforçando para aprender todas essas questões burocráticas, porque pretendia me livrar de qualquer dependência dele. Por isso também, pensava em vender e me desfazer do máximo de bens que houvesse, exceto aqueles de valor afetivo.

Pensava nisso enquanto almoçava, sorrindo forçadamente para um Marcos muito falante. Ele defendia que devíamos ocupar as terras em litígio o mais rápido possível para inibir que Teo a pleiteasse.

Eu não concordava. Meu senso moral dizia que ambos fôramos vítimas de um equívoco e, por isso, devíamos encontrar uma solução amistosa e justa.

Consegui me livrar daquele encosto que se tornara o Marcos depois de recusar um novo convite inadequado e passei a tarde fazendo o que mais amava: pintar.

Entretida, só me apercebi da hora quando faltavam 15 minutos para o horário marcado com o Teo. Já havia avisado à Cida que o Teo viria jantar, então estava tranquila quanto a isso. Mas eu tinha que dar uma ajeitada no meu visual. Eu estava toda suja de tinta, descabelada e suada. Por alguma razão, eu queria estar bela para ele. Sua imagem voltou à minha mente: pernas longas, peito forte, um rosto másculo... ele mexia com a minha libido.

Bem... podíamos unir o útil ao agradável, né?

Tomei um banho rápido, incluindo os cabelos, coloquei meu vestido coringa: um vermelho de comprimento *midi* e caimento confortável pelo corpo. Não gostava de perfume. Meu olfato estava sobrecarregado com o cheiro das tintas e solventes, por isso preferia o “nada”.

Fiquei pronta no exato momento em que ouvi o veículo se aproximando

e, em seguida, o som de metal batendo na porta. Corri para atender, pois a Cida só trabalhava até as 16h. Eu não gostava que ela trabalhasse à noite. Ela deixou o frango com ora-pro-nóbis pronto, e eu o serviria. Optei por um prato bem regional porque imaginei que o Teo apreciaria.

Ouvi a frase típica:

— Ô.. de casa!

— É de paz? — perguntei em resposta, divertindo-me com a situação.

— De paz e de amor também — respondeu a voz atrás da porta.

Ri comigo mesma. Eu gostava quando esse homem rabugento demonstrava humor.

Eu abri a porta, e entramos juntos até uma grande varanda na fachada da frente do casarão onde lampiões alimentados com querosene pendiam das paredes. Eu os acendi e nos sentamos para conversar, tomando um vinho e observando as luzes da cidade de Ouro Preto abaixo de nós.

Falamos sobre as pessoas que conhecíamos e o que mudara na cidade durante esses anos. Tentamos não tocar no assunto que palpitava entre nós: a questão das terras. Da minha parte, eu só queria aproveitar bons momentos, sem desgastes.

Percebi que, vez ou outra, o Teo me lançava um olhar desconfiado. Do

pouco que eu já o conhecia, deveria estar matutando se a minha gentileza não seria algum tipo de artimanha. Ele ainda não tinha baixado a guarda.

Após umas taças de vinho, fomos para a cozinha onde o frango repousava em uma panela na beirada do fogão à lenha que o mantinha aquecido.

A mesa estava posta e nos sentamos para comer. Ao fundo, músicas do Skank vibravam na caixa de som *bluetooth* enquanto jantávamos.

“Vou deixar a vida me levar

Pra onde ela quiser

Seguir a direção

De uma estrela qualquer”^[3]

Ao morder o último pedaço, Teo fechou os olhos para apreciar e agradecer.

— Hummm. Isso é bom demais da conta, sô. Não tem coisa melhor no mundo. Nenhuma culinária francesa faz frente à gastronomia mineira. E se a “chef” for a Cida, então é imbatível — elogiou, depositando os talheres na mesa.

Eu apenas concordei. Era tudo uma delícia. Inclusive meu companheiro de mesa. Não pude evitar admirá-lo quando fechou os olhos apreciando a

comida. Observei seu rosto másculo, seus lábios firmes, a barba por fazer e os cabelos rebeldes. A camisa aberta no peito me permitia ver alguns fios esparsos saltando dos músculos proeminentes. As mãos, uma segurando o guardanapo e a outra segurando a taça, eram grandes, com unhas bem aparadas e os nós dos dedos eram bem ressaltados, denotando uma mão acostumada ao trabalho manual. Pensamentos libidinosos me assaltaram.

Nesse enlevo, não percebi quando ele flagrou meu olhar. Seu sorriso se tornou presunçoso, mas não me incomodou. Eu não tinha vergonha de mostrar do que apreciava. Meus desejos eram explícitos. Ele também não se intimidou.

Uma comunicação não verbal se estabeleceu entre nós. Resolvi sustentar meu olhar, minha provocação, e ele não demorou a corresponder.

Levantou-se da cadeira e, pegando minha mão, puxou-me para o meio da cozinha. Aproximou nossos corpos e me instigou:

— Estou percebendo algo acontecendo aqui... Estou certo, Mariana?

Sua mão direita me envolvia a cintura e me trazia para bem perto do seu corpo enquanto a mão esquerda me segurava pelo pescoço, acariciando minha nuca. Ele aproximou seu nariz da minha orelha e, numa voz rouca de timbre baixo, sussurrou:

— Esse cheiro de mulher misturado com Aguarrás só pode estar me

embebedando, estou perdendo a razão aqui.

Eu ri desenfreadamente. Ele era espirituoso e sexy ao mesmo tempo. Eu estava entregue ao momento e queria mais, muito mais.

Eu era uma mulher que demonstrava o que queria. Então me esfreguei no seu púbis onde percebi uma ereção respeitável, pronta para um outro tipo de contenda.



Capítulo 5

Ai, que calor! Me usa e abusa!

Teo

Tenho que admitir, essa mulher era deliciosa, linda, talentosa, inteligente e espirituosa. Ela me desafiava e me irritava, ao mesmo tempo em que me seduzia. Meu pau estava pulsando. Tentei me controlar, tinha certeza de que aquilo não era uma boa ideia, mas o danado não abaixou nem quando eu lembrei da miséria do mundo.

Se essa era alguma armadilha ardilosa, eu não me importava mais.

Ela se apertou contra mim e meu pau pressionou seu ventre. Involuntariamente, soltei um gemido. Sem conter meus impulsos, apenas

assaltei sua boca, buscando a maciez dos lábios carnudos e úmidos. Apertei sua bunda e a acariciei, subindo a saia do vestido. Merdaaaa! Essa mulher estava sem calcinha!!! Direcionei uma das mãos para o seio e confirmei o que eu já sabia. O sutiã também não estava lá. Essa mulher nunca usa sutiã? Que ótimo... Eu estava ferrado. Esse era um caminho sem volta.

Apalpei o seio, aninhando-o em minha palma, onde ele se encaixou perfeitamente, e apertei sua bunda, trazendo-a de encontro ao meu pau. Seus gemidos eram o sinal verde para eu avançar. Eu a suspendi, colocando suas pernas em torno da minha cintura e comecei a caminhar na direção ao corredor.

— Onde é seu quarto? — perguntei meio desnortado.

— Terceira porta à esquerda, contrária ao ateliê. Mas ainda não servi a sobremesa...

— Já tenho a sobremesa que eu quero.

Conduzi minha musa sedutora até seu quarto, beijando-a e lambendo seu pescoço delicioso. Depositei-a na cama e juntei-me a ela.

A gata sexy arrancou o próprio vestido como se fosse algo que a incomodasse e se exibiu em toda sua plenitude pra mim. Seu corpo era deliciosamente esculpido com formas sinuosamente sensuais. Uma divindade. Uma inspiração para o pecado.

A única coisa que me restava era retribuir. Arranquei minhas roupas de forma atabalhoada, jogando-as no chão, e me coloquei à sua disposição para o que quisesse.

Deitada na cama, apoiada em seu antebraço, ela passeou os olhos pelo meu corpo, deteve-se na minha ereção e, de forma adoravelmente aliciante, lambeu os lábios num convite irresistível. Puta que o pariu. Quase pulei em cima dela. Por um fio, mantive minha civilidade. Aproximei-me do seu corpo e comecei a desenhar seus contornos com as mãos, acariciando-a em suas partes sensíveis.

Debrucei-me sobre ela e passei a beijar e lambe seu pescoço. Deslizei a minha língua por sua pele macia, de textura delicada. Ela empinava o tronco para a frente, pedindo que eu deixasse o seu pescoço e alcançasse partes mais urgentes. Desci para o colo e fiz uma trilha de beijos sedentos até chegar aos seios. Suguei um de cada vez, sentindo a dureza de seu mamilo excitado em minha língua. Ela arfava e se contorcia como uma gatinha no cio.

Ah, tenho alimentado o desejo de vê-la assim desde o dia que a vi naquele ateliê, de vestido curto, sentada com as pernas entreabertas.

— Eu quero mais, Teo.

Não sou de deixar mulher nenhuma na mão. Desci pela barriga em

chupões sucessivos até alcançar o seu monte de vênus. Que cheiro adorável de mulher!

Acaricieei seus grandes lábios com as mãos, enquanto roçava o seu clitóris com o dedo. Contornei aquela região antes de acertar a boca em seu centro e sugá-lo. Ela se retorcia e se oferecia a mim. Isso me dava um tesão enorme. Endureci a língua e brinquei com sua entrada, dando pequenos golpes ritmados. Voltei a língua ao seu nervo, enquanto a preenchia com dois dedos que deslizaram com facilidade em meio aos seus líquidos. Senti quando a sua vulva pulsou com mais força e meus dedos foram pressionados. Lambendo-a, percebi quando ela entrou em convulsão e chegou ao orgasmo, contorcendo-se e gemendo. Sentia-me um macho orgulhoso de sua façanha. Mas eu queria que ela tivesse mais.

Afastei-me dela, mas só o suficiente para pegar a camisinha no bolso da minha calça largada no chão. Vesti-me e voltei para perto e para o espetáculo de mulher que me olhava com um sorriso safado e satisfeito. Com o rosto afogueado, ela ficava ainda mais linda, como uma deusa da luxúria.

Deitei-me por cima dela, e o meu corpo foi envolvido por suas pernas. Passei a friccionar seu clitóris com o dedo enquanto brincava em sua entrada com o meu pau que, a essas alturas, estava extremamente duro e faminto. Queria reacender seu tesão para que ela gozasse novamente. Desta vez,

comigo.

Esfreguei a cabeça do meu cacete em sua entrada melada. Ele estava quase estourando de tão duro. Eu sentia um tesão descomunal, uma fúria me tomava. Ela estava receptiva e fazia movimentos em minha direção. Apenas aceitei o convite e me enfiei naquela carne úmida e quente, sem pena. Só depois considerei que deveria ter sido mais cuidadoso. Eu era grande e por isso não deveria meter assim, de uma só estocada, na primeira penetração.

— Que delícia, Mariana.

Ela apenas gemia e rebojava, intensificando ainda mais o nosso prazer.

— Você é linda e gostosa demais. Estou no céu.

— Então aproveite!

Porra! Que gata abusada é essa?

— Você é um perigo — gemi, em uma confissão, mas também como um alerta para mim mesmo.

Retomamos nossa dança de vai-e-vem. Eu entrava e saía, buscando fricção enquanto esfregava seu nervo com o dedo. Repentinamente, ela me afastou o suficiente para possibilitar que se virasse e ficou de quatro, oferecendo-se novamente.

— Isso, sim, é uma obra de arte — falei, admirando a visão à minha

frente.

Eu me enfiei naquela mulher cheia de volúpia e voltei a massageá-la pela frente. A visão da bunda redondinha, excitava-me ainda mais. Foi irresistível dar-lhe um tapa forte nas nádegas. Percebi que ela estava na beirada e aprofundei as estocadas e a esfregação. Não demorou para que ela gemesse e se contraísse no meu pau. Foi a deixa para que eu me libertasse e entrasse ainda mais fundo para finalmente soltar jatos e jatos de sêmen dentro dela.

Caí por cima dela, mas ajeitei-me de lado para que meu peso não a machucasse e a abracei em concha. Continuei enfiando e tirando o membro de dentro dela até que ele começasse a relaxar. Só então eu o retirei, mantendo-o pressionado contra a sua bunda. Senti que se o mantivesse ali, logo estaria pronto para repetir a brincadeira.



Capítulo 6

*Não há bem que sempre dure, nem
mal que não se acabe*

Mariana

Acordei com a luz do sol entrando pelas janelas do quarto, envolvida nos braços do Teo. Meu corpo estava deliciosamente dolorido. Um sorriso espontâneo brotou no meu rosto ao lembrar da noite anterior. Foi tudo muito bom. Eu tive um sexo delicioso e uma conexão ímpar. Um sentimento pleno ocupava meu peito. Mas as necessidades fisiológicas se fizeram prementes. Escorreguei sorrateiramente dos seus braços e sai da cama em direção ao banheiro. Após os cuidados de higiene, resolvi deixar meu cachorro

rabugento descansar e, levando o meu celular, fui à cozinha buscar um café.

O fogão à lenha já estava acesso e a cafeteira já estava na beirada. Cida tinha hábitos tradicionais e eu adorava. Desde que eu voltei a morar ali, eu ainda não tinha trazido um homem para dormir comigo. Ela, certamente, estranharia ver o Teo. Mas eu não estava preocupada. Eu era dona do meu nariz e não temia julgamentos. De toda forma, era dia de feira de orgânicos e ela demoraria um pouco a voltar de lá.

Eu estava tomando café, sentada em uma cadeira da cozinha quando meu celular tocou. Pelo visor, vi que era o Marcos. Suspirei fundo, buscando paciência para lidar com ele, e atendi.

— Oi, Marcos. Bom dia. A que devo essa ligação tão cedo?

— *Bom dia, Mariana. Espero que tenha dormido bem.*

Mal sabia ele como tinha sido boa a minha noite, pensei.

— *Tenho novidades. Acho que encontrei uma forma de resolver essa disputa da terra. Encontrei um trabalhador rural idoso, um meeiro, que jura que aquela terra era do seu avô antes mesmo de existir a fazenda Mina D'Água e que, com certeza, pertencia ao seu Francisco.*

— Como assim, quem é esse meeiro. Ele é confiável? — questionei. Aquela história não estava me cheirando bem.

— *Não se preocupe com isso, Mariana. Precisamos apenas dar uma ajudinha financeira para ele que ele manterá a sua versão.*

A insinuação de Marcos me deixou preocupada. Essa pessoa estaria falando a verdade? O sentimento de que o Marcos estava comprando um testemunho falso me revoltou e embrulhou meu estômago. Para ter certeza de qual era a proposta dele, dei corda.

— Como assim? Basta darmos um dinheiro para essa pessoa e ele testemunhará a nosso favor para garantirmos a terra?

Foi depois desta frase infeliz que olhei para a porta da cozinha e vi o Teo parado ali, apenas de calça jeans, com os braços cruzados. Seu olhar era acusatório. Havia raiva e decepção.

Entrei em pânico. Se ele ouviu minha última frase, certamente interpretou errado.

— Com licença, Marcos. Preciso desligar agora, nos falaremos mais tarde — disse ao telefone antes de desligá-lo.

— Bom dia... eu... estava esperando você para tomarmos café — gaguejei sem saber o que se passava em sua mente.

— Antes ou depois de você articular suas tramoias com seu cúmplice? Cúmplice e, certamente, amante também.

Sua pergunta me deu a certeza de que ele havia escutado a conversa e havia interpretado tudo errado.

— Teo, você interpretou errado o que escutou. O Marcos...

— Shiii. Nem tente me enredar, gata dissimulada e sorrateira. Até mesmo se eu tivesse apenas meio neurônio no cérebro, seria capaz de entender a situação — disse, dirigindo-me um olhar seco e magoado.

Nunca me senti tão perdida. A interpretação dele estava totalmente equivocada, mas eu não tinha como provar. Nós nos conhecíamos há muito pouco tempo e as circunstâncias não propiciavam a confiança mútua. No lugar dele, eu também faria a mesma dedução. Como retificar tal situação?

— Teo, você precisa me deixar explicar... — Tentei argumentar novamente.

— Não gaste seu tempo. O sexo foi bom, mas não o suficiente pra me cegar — ele falou, virando as costas em direção ao quarto onde estava o resto de suas roupas.

Eu o segui, ainda tentando que ele me ouvisse.

— Isso é injusto. Você sequer me dará direito de defesa? Da mesma forma que fez quando nos conhecemos, vai me condenar? — minha voz reverberava de volta como um eco, já que ele parecia surdo ao que eu dizia. Parecia que apenas a indignação e a revolta ressoavam em seu cérebro.

Ainda sem falar nada, ele recolheu o resto de suas roupas, vestiu a camisa de qualquer jeito, enfiou os pés no sapato e saiu marchando em direção à porta de saída da casa.

Atrás dele, eu ainda argumentava, sem que ele me ouvisse. Lá fora, ele entrou no carro e só então se voltou para mim e, com sangue nos olhos, cuspiu vários impropérios:

— Diga ao seu cúmplice e amante que gostei muito da noite que passei transando com você e que estarei atento às falcatruas dos dois. Diante da situação, não há possibilidade de conciliação amistosa em relação às terras.

Ele deu partida no carro antes de continuar:

— Entrarei com uma ação judicial e vocês poderão tratar diretamente com o meu advogado. Mas se você quiser me oferecer sexo novamente, talvez eu aceite. Afinal eu não tenho nenhum preconceito aos relacionamentos abertos. Posso tirar uma lasquinha pra passar o tempo.

Então arrancou com o carro, deixando-me ali parada na entrada de casa com um misto de emoções. Triste e frustrada pelo momento mágico que se quebrou. Magoada com suas ofensas injustas. Puta da vida pelos absurdos que ele disse com o único objetivo de me ferir.

Voltei para dentro de casa respirando fundo, tentando me acalmar. Andei de um lado para outro enquanto reordenava meus pensamentos.

Primeira providência, seria conversar com o Marcos e deixar bem claro que não aceitaria o uso de qualquer artimanha para me apossar daquelas terras. Depois, pensaria em uma maneira de limpar a imagem com o Teo. Não queria que ele, ou qualquer pessoa, tivesse uma imagem minha tão deturpada. Depois veríamos quem é que vai “tirar uma lasquinha”.



Capítulo 7

Uma caçada e uma nova chance

Teo

Mas que ordinária. Aquela trambiqueira quase me enganou. Eu era mesmo um idiota. Acreditei que tínhamos encontrado uma conexão especial. Mas era apenas um teatro. Inferno!

Sei que fui babaca novamente. Mas ela me enganou e me usou. Ela me seduziu da maneira mais antiga do mundo: com sexo. Pensando bem, quanto a isso, não posso reclamar. Talvez até me oferecesse para ser usado novamente. Acho que a minha revolta é maior porque, para mim, não foi apenas sexo. Terei que expulsá-la do meu sistema e manter a objetividade

para lidar com o assunto das terras.

Precisava tomar providências imediatas, então fui direto ao escritório do César. Um amigo advogado que já havia resolvido algumas questões fundiárias para mim. Fui buscar orientação, mas já sabia que, se eles resolvessem jogar sujo, a coisa se complicaria ainda mais. De toda forma, só com as informações que tínhamos, não se podia prever o desfecho de um possível processo. O resultado poderia ser qualquer um. Seria uma roleta russa. Aquilo que o juiz decidisse, eu teria que acatar. Que assim fosse. Eu morreria no campo de batalha, mas não me furtaria de entrar na guerra.

Depois de uma longa conversa com o César, comprovei o que já desconfiava. Seria uma luta sem vitória garantida. Se o juiz decidisse que aquele trecho de terra era de fato da Mariana, a mim caberia pedir uma indenização ao antigo proprietário que o vendeu indevidamente para mim. Quanto à possibilidade de fraude por parte da Mariana e seu comparsa, César sugeriu que fizéssemos nossas próprias diligências para descobrir quem era essa pessoa disposta a prestar uma declaração falsa e buscar outras testemunhas de oposição.

Saí de lá já no meio da manhã, com fome e com as têmporas latejando. Fui em casa apenas para comer algo rápido, trocar de roupa e seguir para o campo de extração de minério pelo qual eu era o engenheiro responsável,

pertencente a uma grande mineradora internacional. Eu já estava de saco cheio daquele trabalho. Apesar de estar em conformidade com a lei, a conduta da mineradora não era a melhor para o meio-ambiente. Apresentei vários projetos alternativos, mas, em busca do maior lucro possível, foram todos recusados em detrimento da saúde da natureza. Eu estava inconformado com a situação. Mas trabalho é trabalho, e eu estava fazendo o meu melhor.

O dia transcorreu cheio de outros aborrecimentos. Mas nem eles me tiravam aquela gata sorrateira da mente. Seu sabor e seu cheiro pareciam me acompanhar por onde eu ia... Meu consciente trabalhava para expulsá-los, mas algo apertava meu peito.

Cheguei em casa, um sobrado antigo que comprei dos herdeiros que já não moravam mais na cidade, já com a noite me envolvendo. Tomei banho, falei com meu pai para saber se estava tudo bem e fui procurar algo para comer. Na geladeira, havia um pote com costelinhas e quirela de milho que minha mãe havia me obrigado a trazer ontem, depois do almoço em sua casa. Esse seria o meu jantar. Aqueci no micro-ondas e comecei a comer, sem muita satisfação. O fel da minha indignação estragava o meu apetite e o meu paladar. Tive uma noite conturbada, mal dormida. Acordei cedo e me arrumei para o trabalho porque vários problemas me esperavam lá. Sem fome, apenas preparei e bebi um café, coisa imprescindível nas minhas manhãs.

Ao abrir a porta para sair, quase esbarrei em alguém na calçada. Era a Carla. Ela trazia nas mãos um pote dentro do qual eu pude identificar um pedaço de bolo de fubá.

— Para adoçar seu dia — disse ela, sorrindo de forma insinuante.

O bolo, o meu preferido, seria bem-vindo. Mas a insistência da Carla em se fazer presente na minha vida estava me incomodando. Seus gestos gentis não eram apenas os de uma boa amiga desinteressada.

Transei com ela algumas vezes. Ela era bonita e estava sempre me cercando. Depois de um tempo, resolvi cortar aquilo, pois ela estava criando expectativas maiores do que eu estava disposto a dar. Mas havia sido difícil driblar suas investidas. Ela estava sempre me assediando e se insinuando. Bufei sem paciência.

— Agradeço muito o bolo, Carla. Obrigado. Mas, como pode ver, já estou de saída. Guardarei para mais tarde. Agradeça também à sua mãe que, certamente, foi quem o fez — respondi, já tentando alcançar a calçada para dar o fora dali.

Mas a Carla não estava disposta a desistir assim tão fácil. Aproveitou-se do espaço que eu deixei no vão da porta e entrou na minha casa.

— Hummm... Que cheiro bom de café recém coado. Tenho certeza de que você tem cinco minutos pra me servir um cafezinho — convidou-se,

caminhando em direção à cozinha.

Sem alternativa, entrei atrás dela. Também sem esperar convite, ela se sentou à mesa da cozinha e abriu o pote com o bolo de fubá. Eu me sentei na outra cadeira, peguei a garrafa térmica e servi-lhe um café na caneca de ágata.

Ela abriu o pote como bolo e o estendeu para mim, insistindo que eu pegasse um pedaço. Eu peguei um pedaço do bolo, enfiei-o todo na boca e engoli apressadamente. Então levantei-me da mesa, sinalizando que o nosso pequeno café-da-manhã estava encerrado.

— Carla, como você viu, eu já estava de saída e estou atrasado. Infelizmente, não poderei ficar aqui de bate-papo.

Peguei a caneca de café e coloquei-a na pia da cozinha antes de puxar a Carla pelo braço na direção da porta.

Lá fora, em frente ao meu carro, despedi-me educadamente, mas também de forma um tanto abrupta para não lhe dar margem de manobra.

— Novamente, obrigado pelo bolo. Tchau! Nos vemos por aí. — E assim consegui finalmente me livrar dela.

O resto do dia foi de cão. Muitos problemas me assaltaram na mina. Desde discussões entre os operários da obra quanto a descoberta de desvio de materiais no almoxarifado. Sequer tive tempo de ir ao escritório do César

novamente para darmos seguimento ao processo das terras do rio do Carmo. Cheguei em casa só o bagaço. Para jantar, eu trouxera uma marmita que providenciei no refeitório dos operários da mineradora. Exausto, apenas tomei banho, vesti uma bermuda e, sem camisa, eu me pus a comer aquele “prato feito” com arroz, feijão tropeiro e carne assada.

Foi quando ouvi a campainha tocar.

Abri a porta, pronto para despachar o Rodrigo, meu vizinho, um músico da noite, que eventualmente vinha bater papo e tomar uma cervejinha comigo em horas tardias. Eu não estava com humor para conversas.

Mas o que eu encontrei na minha porta não foi meu amigo descontraído e fanfarrão. Na minha frente, estava aquela mulher ardilosa: Mariana.

Nem me questionei como ela saberia o meu endereço. A cidade era pequena e todos sabiam onde todos moravam.

Tive vontade de bater a porta na cara dela, mas ela se apressou em estender para mim um papel.

— Antes que me expulse. Por favor, leia isso e me escute — pediu ela.

Fiquei sem saber como proceder. Ela estava com um vestidinho, mas por cima agasalhava-se com um camisão de veludo para se proteger do frio das noites *ouropretanas*. Mesmo na pouca luz dos postes, pude ver seus lábios pintados com um batom vermelho sangue. Isso enviou uma mensagem

imediate para a minha libido. Seu cheiro peculiar tomou minhas narinas e deve ter derretido algo em meu cérebro, porque resolvi dar uma chance a ela.

Peguei bruscamente o papel e o inclinei para o foco de luz do interior da casa. Era uma declaração assinada e registrada em cartório. Nela, um tal de José Camilo de Oliveira alegava não ter conhecimento sobre nenhum fato pertinente às terras nas coordenadas *tais e tais*, que antes pertenciam à fazenda Mina D'Água. A declaração era testemunhada por duas pessoas, incluindo a Mariana.

— O que significa isso? — inquiri, embora já desconfiasse do que se tratava.

— Significa que o Marcos não poderá mais utilizar-se do falso testemunho deste infeliz para tentar garantir as terras de forma ilegítima — ela disse, estendendo outro papel para mim.

No outro documento, ela destituía os poderes do Marcos como seu procurador e nomeava um novo representante, o dr. João Borges, um velho advogado reconhecido na cidade por sua idoneidade.

Olhei desconfiado para ela, mas entendendo o que aquele gesto significava, abri espaço para que aquela cobrinha sorrateira entrasse em minha casa. Eu precisaria achar uma metáfora mais adequada para ela, afinal cobras não possuíam uma bundinha redondinha e arrebitada como a dela.

Que Deus me protegesse.

— Ok. Você conseguiu minha atenção. Entre porque está frio aí fora. Vamos conversar sobre isso. Mas já aviso que seu “sussurro de víbora” não vai mais colar comigo.

Ela soltou uma gargalhada e passou por mim, entrando na casa. Entre risos, comentou:

— Sua mente fértil me diverte. Você é uma figura. Era eu quem deveria estar ofendida com as acusações que me fez e os absurdos que disse. Mas estou generosa ultimamente.

Ignorei seu comentário e mantive minha cara de mau. Essa coisinha gostosinha de lábios perigosos não iria me desarmar assim tão fácil.

Ela se postou no meio da sala ampla do sobrado e passeou os olhos pelo ambiente rústico e simples que eu preservara assim por ser minha preferência. Havia apenas algumas poltronas de couro, poucos móveis de madeira e uma cadeira de balanço sobre um piso de tábuas corridas.

— Aceita alguma coisa? Água, café, uma bebida? — perguntei por educação. Em Minas, oferecer algo ao visitante é uma obrigação do dono da casa, nem fosse para o bando de Lampião.

— Eu aceito uma cachacinha, se tiver.

Sua resposta me deixou surpreso. Não pensei que ela gostasse de uma pinga. Seria mais alguma artimanha dessa cobrinha deliciosa? De toda forma, a proposta me pareceu ótima. Depois daquele dia desgastante, uma cachacinha das boas pegaria muito bem.

— Sente-se onde quiser enquanto vou lá buscar.

Fui ao armário da cozinha, peguei uma cachaça envelhecida, minha boa companheira de guerra, e dois copos tipo americano. Retornei à sala, onde ela permanecia em pé, coloquei os copos em uma mesa, servi a cachaça neles e entreguei um para ela.

Peguei o outro copo e o virei na minha boca de uma vez, deixando a cachaça descer queimando pela garganta. Então olhei para ela, esperando o que viria.

Ela sorriu matreira para mim. A danada entendeu o desafio e não se intimidou. Encostou seu copo com o conteúdo amarelado em seus lábios de cascavel sedutora e o entornou de vez, como eu fizera.

Esperei para vê-la se engasgar e curtir com a cara dela. Mas fiquei com cara de besta, pois ela ainda estalou a língua e soltou um gemidinho. Diabos! Imagens de nossa transa vieram à minha mente sem que eu controlasse e eu a imaginei sorvendo aquela cachaça em outro lugar no meu corpo onde deixaria uma marca com aquele batom vermelho. Respirei fundo e retomei o

foco da conversa, não sem antes me ajeitar melhor dentro das calças.

— Muito bem, senhorita Mariana. Explique-se melhor sobre tudo isso que me mostrou.



Capítulo 8

Onde foi que nós paramos?

Mariana

Providenciar tudo aquilo, foi uma empreitada trabalhosa. Mas eu precisava esclarecer as coisas com o Teo. Por alguma razão, seu conceito sobre mim era importante. Obviamente que eu também não deixaria passar em branco aqueles absurdos que ele me disse.

— Bom... vou esclarecer os fatos. Apenas me ouça. Descobri que o Marcos pretendia usar um artifício imoral e ilegal para tentar provar que as terras do rio do Carmo eram mesmo do meu avô. A conversa que você escutou entre mim e ele pelo telefone foi no exato momento que tomei

ciência. Quando falei aquilo que você escutou, eu estava apenas conferindo se eu havia mesmo entendido o que aquele cafajeste pretendia.

Dei uma pausa e tomei a liberdade de me servir de outra dose de cachaça. Eu estava precisando de coragem líquida e aquela pinga envelhecida era deliciosa. Rememorei meus tempos de faculdade em BH em que saíamos à noite em busca de aventuras pelos barzinhos da cidade.

— Depois que você foi embora, sem me dar chance de me explicar...

Percebi que ele ia retrucar algo. Mas eu me aproximei, encostei o dedo em seus lábios e o silencieei. Quase esqueci o que ia dizer quando senti a textura e lembrei de onde aqueles lábios gostosos estiveram, mas continuei minha explanação.

— Minha vez de falar, seu turrão... Não me interrompa antes que eu termine... por favor. Você não vai se arrepender.

Fiz cara de gatinha manhosa e flagrei seu olhar que, por um segundo, se desconcentrou e deixou escapar uma faísca de um interesse diferente: tesão puro e selvagem. Mas, continuei:

— Bom, depois que você foi embora, eu fui ao escritório do Marcos e o confrontei. Ele admitiu na cara dura que estava tentando comprar o testemunho desse tal de José Camilo. Avisei a ele que não queria fazer nada ilegítimo. Se aquelas terras eram do meu avô, provarei da forma correta.

Fiz uma pausa para avaliar sua reação. Ele continuava com os braços cruzados na frente daquele peitoral formidável, uma evidência de que ainda não se desarmara. Mas seu semblante estava mais leve e curioso. Não sei o que havia comigo. Mas eu achava tudo lindo naquele grosseirão. Aquela sobrancelha grossa erguida de lado, sua boca com os lábios apertados e desconfiados, os pelos esparsos em seu peito, o caminho da felicidade na barra da bermuda... Eu tinha vontade de passar a língua nele todo até que se rendesse da forma receptiva como ele estava naquela noite. Céus! Como manter uma conversa séria assim? Concentre-se, Mariana.

— Saí do escritório do Marcos e procurei outro advogado que já haviam mencionado quando cheguei aqui: dr. César.

Vi que ele arregalou os olhos à menção do dr. César, o amigo e advogado dele.

— Conversei com ele. Expliquei minha situação. Eu pretendia contratá-lo para substituir o Marcos. Mas ele me disse que não poderia, pois já era seu advogado e haveria conflito de interesses. Então, me indicou o dr. João Borges que, segundo ele, tem uma “moral ilibada”.

Parei minha explanação ao reparar que havia uma foto de uma linda moça em uma estante, juntamente com as fotos dos pais dele. Isso me desconcentrou. Quem seria ela? Deveria ser importante para figurar ali.

Bloqueei meus pensamentos ciumentos e voltei à conversa.

— Dr. Borges me orientou sobre o que fazer. Para anular qualquer ato mal intencionado desse tal José Camilo, pegamos uma declaração dele de que não tem conhecimento sobre o assunto. Assim o Marcos não poderá mais usá-lo. Também revoguei os direitos de representação do Marcos e nomeei o dr. João.

Após toda essa explicação, constatei que seus braços já não estavam mais cruzados na frente do corpo e seu semblante estava mais leve... com um toque de curiosidade e... talvez... admiração. Ainda faltava eu colocar uma pá de cal em sua desconfiança.

— Quero deixar claro que nunca me utilizaria de subterfúgios para conseguir aquelas terras. Nunca usaria de meios escusos para obter nada que não fosse legitimamente meu. Não quero lesar ninguém. Só quero aquilo que me for realmente de direito.

Depois do meu pequeno discurso, esperei por alguma reação. Nada aconteceu. Ele ficou estático por um tempo.

— Se sobrarem dúvidas sobre o que estou dizendo, pode perguntar ao seu amigo César ou mesmo ao dr. João Borges — reforcei.

Então, depois de alguns instantes que pareceram uma eternidade, ele se manifestou.

— Acho que o seu amante não vai ficar feliz com isso. Ele já sabe que foi destituído, pelo menos do cargo de advogado?

Haaa! Então era isso que ainda estava martelando em sua mente? Ele estava com ciúmes porque achava que eu e o Marcos tínhamos algum envolvimento além do profissional. Que lindinho. Tive vontade de brincar um pouquinho com ele, como um gatinho com um pequeno rato, e deixá-lo em agonia. Mas o que eu queria mais era pular em cima dele, agarrar o seu pescoço e lambê-lo todo.

— Essa é outra coisa que faço questão de esclarecer, mesmo que não seja necessário. Eu e o Marcos nunca tivemos nada além do relacionamento profissional. Não que seja da sua conta, mas eu nunca me senti atraída por ele. Talvez eu já sentisse o cheiro de porco que agora eu sei que ele é.

Essa última declaração minha foi a cereja em cima do bolo. Entrei em júbilo ao ver o impacto dela no ânimo do Teo. Ele soltou uma risada e recostou-se na mesa atrás de si de forma descontraída.

— Seu olfato deve estar prejudicado pelo cheiro de solventes. Aquele cara fede de longe — disse ele, apoiando as mãos na mesa e deixando aquele tórax bem torneado e másculo bem exposto para a minha ganância.

— Estando tudo devidamente esclarecido, acho que podemos voltar ao ponto em que paramos naquela manhã, não acha? — eu disse, aproximando o

meu corpo do seu. De forma insinuante, passei o dedo indicador em torno do seu mamilo e apreciei vê-lo se arrepiar.

— Acho que preciso ser compensada pelos desaforos que tive que engolir... Agora é minha vez de “tirar uma lasquinha” — sussurrei, passando a ponta da língua lentamente ao redor do seu mamilo arrepiado.

Sua respiração se tornou pesada, suas narinas se dilataram e suas mãos seguraram a mesa com mais força.

Eu me senti uma fêmea voluptuosa, seduzindo seu macho. Cheguei meu rosto bem perto de sua orelha e segredei em seu ouvido:

— Sabe de uma coisa? Sonhei com você na noite passada... Acordei toda molhada. Preciso realizar o que sonhei...

Aos sussurros sensuais, acrescentei minha língua e passei a lambar sua orelha. Enfiei a língua em seu ouvido e o lambuzei antes de descer pelo pescoço, seguindo a veia ressaltada até chegar na clavícula. Minha mão deslizou pelo seu tórax e chegou ao volume da sua bermuda. Acaricieei seu comprimento por cima da roupa e apertei-o para reivindicá-lo como meu.

Foi a sua derrocada. O cão vira-lata se entregou de vez.

Suas mãos vieram para o meu corpo em um assalto e apertaram minha bunda enquanto sua boca buscava a minha. Sua língua se apossou da minha numa dança frenética e voraz. Nossas salivas se misturaram com nosso

desespero. Uma dança sem compasso nos arrebatou.

Quando ele mudou nossa posição e me colocou sentada sobre a mesa em que ele estivera encostado, percebi que havia perdido o comando da festa. Eu não era mais a mestre daquele jogo, ele havia assumido.

Enfiado entre as minhas pernas, Teo arrancou minha camisa antes de subir meu vestido, aproveitando-se para acariciar minhas coxas. Em minha boca, ele rugia:

— Sabe o quanto adoro essas coxas? Sabe o quanto eu gosto do seu gosto? Sabe o quanto você me deixa louco?

Eu apertei os seus ombros e passei minhas unhas em suas costas, provocando-lhe arrepios. Repentinamente, meu vestido voou pela minha cabeça e sua bermuda foi parar longe.

Sua ereção, liberta, se esfregou em minha entrada completamente molhada e faminta. Uma de suas mãos apertou minhas nádegas, mantendo meu quadril contra si enquanto a outra amaciou meu seio e beliscou meu mamilo.

Seus dentes mordiscaram meus lábios, sua língua lambeu o meu pescoço e seus dedos penetraram minha intimidade. Lambuzados com os meus sucos, seus dedos fizeram movimentos ritmados dentro e fora de mim enquanto o dedão começou a esfregar meu nervo.

Estávamos entregues, sem freios, sem limites. Era tudo desejo, libido, calor.

Ainda desnorteada, senti seu afastamento. Ele praguejou baixinho e garantiu:

— Volto logo. Fique exatamente aí.

Antes mesmo que eu recuperasse meu fôlego e sentisse falta do seu calor, ele estava de volta com um envelope de preservativo. Vestiu-se em uma velocidade relâmpago antes de se posicionar novamente em meu âmago, pincelar algumas vezes, buscando minha lubrificação, e se colocar em mim com um gemido animalesco.

Uma onda de luxúria me fulminou. A fêmea em mim estava urrando e reivindicando seu macho. Um instinto animalesco impulsionava meu púbis em sua direção e dirigia meus movimentos sequiosos.

Eu estava perdida naquelas sensações e não queria me encontrar. Seus movimentos e sua fricção no meu interior desencadearam uma resposta primitiva e eu convulsionei, apertando-o dentro de mim.

Ele se libertou e, com rosnados, mordida meu queixo, meu pescoço e onde mais alcançasse naquele estado enlouquecido e sem qualquer resquício racional.

Entre respirações ofegantes e mentes desconexas, só consegui constatar

a maravilha de todas aquelas sensações e o quanto eu queria usufruir mais e mais daquilo.



Capítulo 9

Uma trégua

Teo

Meu orgulho foi pro brejo. Minha força de vontade não durou um segundo depois que acompanhei o percurso daqueles lábios vermelhos deixando beijos no meu peito e me borrando de batom. Essa mulher me prendeu pelas bolas, literalmente. Eu estava rendido.

Agora, naquela manhã, sentados em minha cozinha, depois de acordarmos agarradinhos como carrapatos, tomamos um café simples. Eu não tinha muito a oferecer, apenas queijo mineiro, ovos e um pedaço do bolo de fubá que sobrou do que a Carla trouxera. Mas a pouca variedade de comida

não pareceu incomodar a Mariana. Comeu com apetite, talvez por estar com o “apetite” satisfeito. Seus sorrisos fáceis a denunciavam. Eu também estava saciado, embora já estivesse vislumbrando mais um banquete.

Infelizmente, eu tinha coisas para resolver na mina e não poderia transformar aquele café em uma prorrogação do nosso jogo. Por isso nos despedimos na frente de casa, onde ela havia deixado o carro estacionado.

Eu já estava lamentando nossa separação, então tratei logo de fisgá-la para outro *round*. Eu passaria o dia todo ansioso se não tivesse a perspectiva do nosso próximo encontro. Essa gatuna havia roubado meu amor-próprio e dignidade.

Segurando suas mãozinhas encostadas no peito, convidei-a:

— Ei, hoje tem uma apresentação musical na praça Tiradentes. A universidade promoverá um concerto e haverá algo que talvez você nunca tenha visto.

Puxei suas mãos para os meus lábios e fui beijando seus dedinhos enquanto falava.

— Enquanto a orquestra filarmônica toca os instrumentos na praça, outros músicos tocarão os postes metálicos e os sinos a cidade.

Ela, curiosa, me inquiriu com o olhar.

— Pois é. O departamento de música da universidade classificou as notas musicais dos postes e sinos da cidade e eles serão “tocados” conforme a sonoridade exigida. Como a praça é central e fica em uma área mais baixa, forma-se uma concha acústica. É um espetáculo maravilhoso.

Puxei-a pela cintura e a segurei contra o meu corpo para finalizar o convite.

— Quer me dar o prazer de sua deliciosa companhia durante o espetáculo, senhorita encrência? Será às 20h.

— Nossa! Isso deve ser mesmo lindo. Quero muito assistir. Claro que vou — aceitou ela com um sorriso esplendoroso de expectativa. Dei-lhe um selinho para firmar o compromisso e fechei o negócio.

— Passarei na sua casa às sete e meia. Assim, antes de começar, dará tempo de tomar o sorvete que você gostava quando era aquela adolescente enjoada — provoquei sem conseguir controlar meu lado impicante.

— Enjoada, é a sua avó. Fala o cara que era velho e rabugento aos 25 anos de idade — ela retrucou imediatamente, já entrando no carro e dando a partida.

— Estarei à sua espera — completou com uma piscadela antes de arrancar.

Não tive como devolver-lhe a afronta, apenas apontei o dedo do meio,

como um adolescente. Se eu era velho aos 25 anos, então retrocedi no tempo. Ultimamente tenho agido de forma infantil, imatura e primitiva.

O restante do dia correu rotineiramente. Falei com César apenas pelo telefone e ele me confirmou sua conversa com a Mariana e me garantiu que o dr. João Borges era um homem sério e que eu não precisaria temer nenhuma rasteira. E o desgraçado ainda me provocou:

— *Cara, que mulher gostosa é aquela? Você está pegando ela? Se não tiver, eu pego. Não sou cara de furar olho de amigos, mas, por aquele espetáculo, sou capaz de esquecer meus princípios.*

Que filho da puta, pensei.

— Tire as suas patas sujas de cima dela. Eu cheguei primeiro, seu mané. Se ficar de gracinha, eu te denuncio pra Ester — ameacei. Eu estava possessivo em relação à Mariana. Ao contrário do que disse a ela, eu não era nada favorável a relacionamentos abertos, menos ainda com ela.

O César tinha um rolo mal resolvido com a Ester. Não assumiam nada às claras, mas eu tinha certeza de que tudo azedaria se ela soubesse que ele andava ciscando em outro terreiro. Que ele ficasse avisado.

No fim do dia, voltei pra casa feliz da vida com a expectativa de encontrar minha *bichana*, já pensando que hoje teria mais brincadeirinha de pega-pega. Ri sozinho da minha própria piada imbecil.

Tomei um banho e até passei perfume. Mas me lembrei que ela havia dito que não gostava de misturar os cheiros. Então, voltei ao chuveiro e me lavei novamente. Ok, estava decretado, eu havia me tornado um cachorrinho domesticado, um *pet* de madame.

Cheguei em frente à sua casa pontualmente. Ela estava sentada na varanda e veio em minha direção assim que estacionei.

O que era aquilo? Ela estava com um vestido vermelho, de tecido fino, com um decote provocante que ia até o umbigo. Eu não sabia o que sentir em relação àquilo. Tive sentimentos conflitantes. Aquele decote era assassino e eu estava adorando ver o contorno dos seios expostos e o desenho dos bicos embaixo do tecido delicado. Mas, por outro lado, assim como eu, outros machos também apreciariam aquele espetáculo e ficariam babando e fantasiando com aqueles seios redondos com os bicos intumescidos.

Eu não era sexista e sabia que as mulheres deviam se vestir como se sentissem felizes. Mas um lado primitivo meu estava ressurgindo das sombras.

Foi com enorme alívio que eu a vi colocar um casaco por cima do vestido antes de entrar no carro. Eu estava salvo. Teria o melhor dos dois mundos. Meu tesouro estaria escondido dos olhos gulosos, mas estaria acessível para mim. Melhor não podia ficar. Mal sabia eu que a grelha do

inferno estava à minha espera.



Capítulo 10

Deu Zebra

Mariana

A praça estava cheia. Os *ouropretanos*, famosos por sua disposição para a interação social, compareceram em peso. Pessoas de todas as idades, sexo, cor, estilo... estavam ali. Casais com filhos, pessoas solteiras, turma de amigos... Era um colorido de gente. Um clima delicioso de festa.

A orquestra estava postada em um palco, em frente ao Museu da Independência, e os músicos afinavam seus instrumentos. Teo me conduziu pela multidão até a sorveteria que eu adorava frequentar na adolescência. Senti-me envaidecida por ele se lembrar e fiquei comovida com sua atenção.

Não havia mais mesas disponíveis para nos sentarmos. Apenas pegamos nossos sorvetes e voltamos para a praça.

Conversamos algumas abobrinhas de forma descontraída. Eu tinha um assunto sério para tratar com ele a respeito das terras. Eu havia trocado umas ideias com o dr. João Borges e tinha uma solução para propor ao Teo, mas aquele não era o momento. Amanhã eu falaria com ele.

Muitas pessoas vieram cumprimentá-lo. Aparentemente, meu cão rabugento era bem quisto pelas pessoas da região. E também pelas mulheres. Houve uma ou outra assanhada que o cumprimentou de maneira nada inocente ou discreta, lançando em mim olhares algumas vezes de inveja, outras de admiração. Não podia condená-las. Teobaldo era um belo pedaço de homem.

Constatei que a sororidade não contava quando tinha um macho lindo e gostoso em jogo. A solução seria entrar na disputa. No momento, eu era a detentora do troféu e não o entregaria de bandeja. Para mostrar minhas armas, tratei de abrir um pouco o meu casaco e deixar parte do meu decote à vista. Percebi que o Teo se inquietou. Ele tentou disfarçar, mas seus olhos fugiam e olhavam desejosos para os meus seios ao mesmo tempo em que olhava em volta, para conferir se havia mais alguém apreciando a “paisagem”.

Perto do horário marcado, a orquestra iniciou alguns acordes, como a

se anunciar ao público. As pessoas foram se aquietando e um silêncio respeitoso tomou conta da praça. Teo me enlaçou e me abraçou por trás.

Então uma mágica se descortinou ali. Os sons melodiosos dos violinos envolveram o ambiente e penetraram em nossos corações. Outros instrumentos foram, aos poucos, se somando. Os instrumentos de sopro fizeram-se presentes com uma força arrebatadora antes que a percussão nos golpeasse de vez. Era um espetáculo incrível.

Mas o que já era maravilhoso ainda conseguiu se superar. Em determinado momento, os instrumentos da orquestra diminuíram seu volume e os sons de sinos tomaram espaço, juntamente com os sons metálicos que, conclui, eram dos postes da cidade sendo “tocados”.

Pude ver ali perto como eram tocados os postes. Um músico, devidamente paramentado com equipamentos de proteção, incluindo capacete, estava no alto do poste, preso por cintos de segurança. Com uma baqueta de metal, ele batia no poste para que o som metálico reverberasse.

Foi uma das experiências mais incríveis que eu já vivenciei em minha vida. Simplesmente maravilhoso.

O final foi apoteótico. Os instrumentos aceleraram o ritmo, e a música, como se fosse uma cavalgada feroz, irrompeu pela praça, deixando-nos desnorteados.

Quando o silêncio se instaurou, sem fôlego, eu apenas deixei que as lágrimas de emoção escorressem pelo meu rosto. Ao me virar para o Teo, percebi que emoção idêntica se passava com ele.

Nossos olhos se encontram e foi inevitável que nossas bocas se buscassem e se unissem em um beijo longo, doce e cheio de mensagens ocultas e palavras não ditas.

Estávamos assim, nesse enlevo, quando as pessoas começaram a se movimentar para deixar a praça. Levamos alguns esbarrões que nos despertaram do nosso idílio amoroso. Sim, não foi apenas tesão, foi um beijo de comunhão de almas.

Pelo menos foi o que eu pensei.

Aos poucos, descemos das nuvens e voltamos ao chão.

— Na minha casa ou na sua? — perguntou ele simplesmente.

— Na minha. Poderemos ver as estrelas da varanda — eu sugeri.

— Só tem uma estrela que eu quero apreciar. Mas topo sua sugestão.

Aceita a opção, colocamo-nos a caminho do lugar onde havíamos deixado o carro, de mãos dadas.

Caminhando em meio à multidão, em certo momento, nossas mãos se desgarraram. No mesmo instante, fomos interceptados por uma loura de

cabelos longos que se agarrou ao pescoço do Teo e o abraçou como um polvo que agarra sua vítima.

— Teo! Que bom encontrar você. Se eu soubesse que você viria, poderíamos ter combinado de irmos juntos.

— Hã... oi, Carla... eu... — ele começou a gaguejar enquanto tentava se desvencilhar dos seus tentáculos.

— Podíamos ter combinado logo ontem no café da manhã, né? Aliás, já estou saudosa. Seu café é delicioso — falou a diaba de forma insinuante.

A conversa daquele *molusco com oito braços e ventosas sugadoras* enroscada no Teo acendeu meu alerta. Então eles tomaram café da manhã juntos? Que eu soubesse, isso só acontece quando se dorme junto. Isso significava que aquele cachorro vira-lata tinha dormido com essa Carla na noite anterior em que estivemos juntos. Ela dormira na mesma cama que eu no dia anterior a mim? Eca!

Mas que filho de uma cadela. Um clássico pegador.

Não tinha nada contra a liberdade sexual. Desde que não haja compromisso, pessoas adultas podem ter vários parceiros. Mas não naquela situação. Eu achei que estávamos envolvidos. Achei que tínhamos algo especial.

Nem tive tempo de raciocinar que estávamos brigados naquela bendita

noite e que ele poderia fazer o que quisesse.

De maneira visceral, eu reagi. Eu me senti traída. Não por ele. Mas pelo sentimento que eu desenvolvi. Pela paixão que eu agora sentia e que talvez não fosse correspondida.

Agindo intempestivamente, virei-me na direção contrária a eles e fugi no meio da multidão. Acima do burburinho, escutei sua voz me chamando. Mas o meu orgulho ferido e o medo dos sentimentos que eu sentia me fizeram acelerar e correr... correr... até sair da muvuca e encontrar um táxi que me levasse para casa.



Capítulo 11

Correndo atrás do prejuízo

Teo

Cheguei aqui na casa da Mariana antes mesmo dela. Lá na praça, eu me desvencilhei daquele estorvo, a maldita Carla, sem nem mesmo respondê-la, e saí correndo atrás da minha gata brava. Ela sumiu na multidão, mas eu sabia que em algum momento ela viria para casa. Corri para o meu Jipe e dirigi a mil por hora até aqui. Não sei como não fundi o motor.

Eu sabia o que devia estar se passando na cabeça dela. Ela, certamente, deduzira que eu havia passado a noite com a Carla e, pela sua reação, não gostara nada daquilo. De certa forma, eu me senti envaidecido. Ela estava

com ciúmes. Mas aquilo havia arruinado nossa noite perfeita. Pelo seu gênio, certamente ela deveria estar furiosa.

Eu precisava consertar aquilo. Dava-me engulhos pensar que talvez a Mariana não mais me quisesse, nunca mais. Um medo nauseante me envolveu. Eu tinha que reverter aquela situação para minha paz de espírito... só assim acalmaria meu coração e o aperto que havia nele.

Vi o táxi chegando e, estrategicamente, postei-me na sua frente. Tive medo que a Mariana, ao me ver, pedisse ao taxista para ir embora dali. Para minha tranquilidade, ela apenas desceu do carro após pagar a corrida e, com passos altivos, sem me olhar, dirigiu-se para a entrada da casa.

— Mariana! — eu chamei somente para ser deliberadamente ignorado.

Insisti, caminhando atrás dela:

— Por favor, preciso falar com você. Preciso me explicar.

O taxista, que percebeu a situação estranha, teve a decência de esperar e, quando viu minha abordagem, abriu a porta do carro, pôs-se de pé e perguntou:

— Está tudo bem aí, moça? Precisa que eu chame a polícia? — perguntou ele para a Mariana, olhando de soslaio para mim.

Eu entrei em desespero. Se ela autorizasse, eu não teria outra solução a

não ser ir embora com o rabo entre as pernas.

Mas, para meu alívio, ela confiou em mim. Pelo menos confiou que eu nunca faria nada de mal a ela nem nunca a forçaria a fazer nada que não quisesse. Ainda que meu peito estivesse em pura agonia, eu não me imporia a ela.

— Não, senhor. Não precisa se preocupar. Esse cão não morde. É apenas um vira-lata de rua, inofensivo. Pode ficar tranquilo e ir para sua casa descansar — disse ela, dispensando o taxista.

Nunca fiquei tão feliz de ser insultado assim. Mas quase exultei.

O taxista relutou um pouco, olhou de um para outro e depois voltou a olhar para a Mariana que se mantinha ativa como uma rainha: uma soberana linda que dominou meu coração. Convencido pela segurança da Mariana, o taxista retornou para dentro do veículo e partiu.

Com a arena desocupada, retomei minha empreitada, voltando toda a minha carga para a guerra que se pronunciava.

— Mariana, por favor, não cometa o mesmo erro que eu. Não tire conclusões apressadas sem deixar que eu me defenda — implorei.

— Que conclusões, Teobaldo? A de que você é um homem jovem e livre e tem direito de dormir com quem quiser? Não posso condená-lo por isso. Apenas não quero me misturar nessa... promiscuidade — rosnou,

gesticulando muito, antes de se voltar na direção da porta com as chaves na mão.

— Vá ver as estrelas com a *talzinha* e me deixe em paz. Não participo de trios... ou talvez quarteto... quinteto. Sabe-se lá com quantas você sai — acrescentou, ainda de costas para mim, fazendo menção de colocar a chave na fechadura.

— Eu não dormi com ela na noite retrasada... eu juro — gritei.

— Vai mentir que vocês não têm algo? Eu vi como ela te abraçou cheia de intimidades, te enroscando e sugando com aquelas ventosas. Quero apenas que vá embora — insistiu ela, voltando-se de frente para mim de modo a me confrontar.

Se eu não estivesse tão tenso, eu teria rido da metáfora que ela usou para descrever a Carla como um polvo. Mas eu estava em desespero e não estava disposto a desistir assim. Para convencê-la, eu teria que ser sincero.

— Não vou negar que já tivemos uma amizade colorida. Mas faz tempo que não me envolvo mais com ela, apesar dela continuar me cercando. Ontem pela manhã, ela apareceu de surpresa na minha casa e praticamente me obrigou a servir um café pra ela. Mas foi só isso. E não participo de trios também. Eu juro — argumentei.

Postado em frente à porta, sob a luz acesa do hall, olhando bem

diretamente nos olhos dela, tentei transmitir a verdade que havia nas minhas palavras.

Quase consegui escutar as engrenagens do seu cérebro funcionando e vi no seu olhar um flash de dúvida. Ela estava analisando meus argumentos e cogitando se deveria ou não acreditar em mim.

Resolvi que era hora de um ataque mais incisivo. Eu a agarrei pela cintura e a trouxe de encontro ao meu corpo. Segurei sua nuca e disse, olhando-a bem dentro daquelas lindas hóstias negras:

— Não vê como estou envolvido com você? Desde que a vi, mesmo achando que estava roubando minhas terras, eu a quis. Cada dia aumenta mais o meu desejo e minha paixão por você. Já perdi meu orgulho e meus colhões.

Destravando nossos olhares, desci a vista para os seus lábios entreabertos que tremulavam um pouquinho. Passei a língua de leve naqueles lábios, aproveitando-me do estado letárgico em que ela parecia estar. Relutantemente, afastei-me dos lábios e fui ao seu ouvido:

— Quero você... e só você. Deixe-me entrar e fazer amor com você para provar meu ponto. Vou venerar você como merece, minha rainha felina.

Cheirei o seu pescoço e deixei pequenos beijos ali antes de insistir:

— Dê-me a chave, deixe eu abrir a porta pra nós, vamos consumir a

paixão que eu sei que você também sente. Se amanhã você ainda quiser brigar mais comigo, eu deixo você me xingar o quanto quiser... mas só amanhã.

Olhei novamente para o seu rosto enquanto minhas mãos deslizavam por suas costas, cóccix e bunda. Vi que seu rosto estava mais sereno e seu olhar estava quente, com faíscas de desejo. Então alcancei as chaves em suas mãos, abri a porta atrás dela e fui conduzindo-a para dentro.

Que Jesus me ajudasse, precisava conquistar essa mulher em definitivo. Eu a queria na minha vida.



Capítulo 12

Proposta indecorosa

Mariana

Eu deveria acreditar nele? Talvez não. Mas até agora ele havia demonstrado bom caráter e bons princípios. Não era um mentiroso. Não era interesseiro, tinha valores morais e integridade. Além do mais, eu senti o seu desespero e ansiedade... a esperança de que eu acreditasse nele. Avaliei que ele realmente poderia estar apaixonado, assim como eu.

Em verdade, deixei de pensar quando sua língua traçou o contorno dos meus lábios. E o meu cérebro saiu de cena quando ele sussurrou no meu ouvido. Eu o queria, e queria muito. Entreguei-me a ele e tentei resgatar

aquele momento mágico da praça.

Ele apertava o meu corpo possessivamente como se tivesse medo de que eu escapasse. Apertou sua boca contra a minha, forçando passagem, e enroscou sua língua na minha.

Meu casaco foi atirado ao chão e ele se afastou um pouco para apreciar o meu decote.

— Você estava ciente do que esse decote estava fazendo comigo durante toda a noite, não é? Você é mesmo uma pantera ardilosa. Ao mesmo tempo em que me senti premiado com essa visão, eu quis furar o olho de cada um que se aproveitou do espetáculo. Agora vou fazer o que fiquei sonhando em fazer.

Seus dedos começaram a traçar o contorno do decote e a resvalar pela minha pele. Abrindo um pouco mais o decote, ele acariciou o seio, de forma reverente antes de enfiar a mão por baixo do vestido e segurar meu mamilo.

Eu estava deliciada e apenas me entreguei às sensações que sua pele provocava na minha. Ele contornou o bico com o polegar, deixando-o ainda mais erigido, antes de se abaixar para que o rosto ficasse na altura do meu peito. Aproximou o nariz do meu colo e o cheirou, inspirando profundamente.

— Adoro o cheiro da sua pele. Seu cheiro de fêmea — murmurou,

enquanto introduzia o nariz por dentro do vestido até chegar ao seio onde inspirou novamente.

— Você me ofereceu essa pérola durante toda a noite. O que quer eu faça agora? Quer que eu o lamba, assim? — falava enquanto lambia meu seio e meu mamilo. — Ou quer que eu o mordisque? — perguntou enquanto mordiscava levemente o pico.

Enquanto sua boca se ocupava com um seio, sua mão se ocupava em retirar o vestido do meu corpo. Quando o vestido chegou ao chão, ele se afastou para apreciar meu corpo completamente nu.

— Também não sei o que sentir em relação a esse seu hábito de não usar calcinha ou sutiã. Eu amo e odeio na mesma proporção. Você é linda como uma deusa e estou ficando egoísta em relação a essa beleza — elogiava ele enquanto desabotoava e retirava a própria camisa.

— Deixe-me sentir seu corpo todo de encontro ao meu. Quero que nossas peles se fundam, quero imergir em você — anunciou ele, tirando também a calça e a cueca para se exhibir inteiramente nu para mim.

Que visão instigante! Seu corpo alto e musculoso era carregado de virilidade. Seus ombros largos e braços fortes anunciavam uma pegada poderosa. O peito vigoroso, ocupado por alguns pelos, subia e descia de forma não cadenciada, denunciando uma respiração quase ofegante. Os

quadris estreitos e o púbis também coberto com alguns pelos completavam um quadro afrodisíaco.

Ainda que ele estivesse tentando controlar a respiração, não conseguia controlar seu membro. Ele parecia pulsar. Sua ereção apontava para mim como se fosse uma espada pronta para me apunhalar. E eu queria muito ser apunhalada por ela.

Eu estava fervendo. Minha intimidade estava completamente molhada e eu sentia a umidade escorrendo pelas pernas.

Teo abaixou-se e apoiou um dos joelhos no chão para ficar com o rosto na altura do meu vértice. Enfiou seu nariz ali e novamente inspirou profundamente entre gemidos e murmúrios.

— Uma fêmea no cio. Esse é o seu cheiro. Delicioso.

Com a pontinha da língua endurecida, ele acariciou meus grandes lábios antes de abri-los delicadamente para chegar ao meu âmago. Com os dedos, abriu minhas dobras para abocanhar-me ali e sugar meus sucos.

— O gosto também é divino... Mulher, você vai acabar comigo. Nunca mais esse sabor sairá da minha memória e do meu sistema. Fui envenenado e viciado nele.

Enquanto lambia minhas dobras e meu nervo, ele enfiou dois dedos em meu canal, acariciando-me internamente. Instintivamente, eu jogava meus

quadris para frente para facilitar seus movimentos. Agarrei os seus cabelos e empurrei seu rosto contra mim quando cheguei ao ápice.

Ele continuou me lambendo e acariciando até que o último espasmo se fizesse antes de me erguer no colo e me levar para a poltrona da sala onde se sentou, colocando-me em seu colo, de frente para ele, sentada em suas coxas, de pernas abertas.

— Você está calada... não está gostando? — perguntou com um sorriso safado.

— Teo, deixe de ser cretino. Você sabe que estou adorando e que estou calada simplesmente porque você me deixou sem fala.

Ai, como ele era lindo. Os cabelos revoltos, depois que eu quase os arranquei, deixavam-no ainda mais rústico. Seu olhar feroz me transformava em uma presa. E eu queria ser comida por esse animal predador.

— Vem, vem me comer, cão selvagem — incentivei.

Ele ergueu meu quadril e posicionou a ponta do seu mastro na minha entrada. Então me puxou para baixo embainhando sua espada em mim com uma estocada rápida e forte. Senti-me deliciosamente preenchida.

Comecei movimentos de subir e descer enquanto ouvia seus gemidos altos como urros. Suas mãos seguravam firme os meus quadris e bunda enquanto sua boca chupava meios seios.

Um movimento frenético nos tomou, o cheiro de sexo e suor tomou o ambiente, embriagando-me. Meu sexo, estimulado, liberava mais sucos, e um torvelinho de tesão foi se formando ali e crescendo, crescendo até virar um redemoinho mais intenso, carregando-me para o seu vórtice.

Com furor, ele segurou minha nuca e puxou minha cabeça para si até que nossos rostos ficassem próximos. Ele chocou sua boca contra a minha e me devorou, lambendo e mordendo.

Sua penetração ficou mais rápida e mais vigorosa até que eu descambasse de vez naquele abismo sem fundo, onde o êxtase me rodeava e me deixava sem chão.

Ele gemeu e se libertou dentro de mim de uma forma furiosa, animalesca, primitiva e desmesurada. Ele também pareceu perder os sentidos e ficar no ar, sem referência de espaço.

— Minha pantera indomada. Quanto mais eu tenho, mais eu quero de você — balbuciou ele, com o rosto enfiado em meus cabelos.

Eu me deixei cair sobre o seu peito e ficamos ali, engatados, até que nossa respiração começasse a voltar ao normal. Somente então eu me dei conta que não havíamos usado camisinha. Eu tomava anticoncepcional, mesmo assim, sempre usava proteção. Desencostei-me do seu dorso para olhar pra ele e alertá-lo:

— Transamos sem camisinha. Eu tomo pílula, mas mesmo assim fomos imprudentes.

— Não sei quanto a você, mas acho que namorados podem fazer sexo sem camisinha, não acha? — disse, empurrando seu membro ainda firme dentro de mim.

— Namorados? Quem disse que somos namorados? — provoquei.

— Agora que transamos sem camisinha, precisamos firmar um compromisso, não acha? Seremos só nós dois. Sou um rapaz de família e preciso ser levado a sério — falou, tentando dar um ar austero às suas palavras.

— Ok, então. Quer namorar comigo, senhor Teobaldo? — perguntei entrando na brincadeira.

— A honra será toda minha, senhorita Mariana. Já aviso que, na qualidade de namorado, vou exigir muito de você. Quero você entregue e molhadinha assim pra mim todos os dias. — Fez uma pausa e completou, agora realmente mais sério:

— Quero também que você pertença à minha vida, e eu à sua. Quero ser seu companheiro, amigo e amante. Pode ser? Está de acordo? — Olhou bem em meu rosto, para que eu visse a importância do que ele estava propondo e da responsabilidade que eu estaria assumindo se aceitasse.

Havia apreensão em seu semblante. Ele estava temeroso de que eu não estivesse na mesma sintonia que ele. Resolvi brincar um pouco com o meu cãozinho e gerei um suspense.

— Temos pouco tempo de convivência, Teo...

Reparei que ele segurou a respiração.

— Mas também sinto que quero muito mais do que apenas diversão com você. Sim, eu aceito suas condições. Você fará parte da minha vida e eu da sua. — Dei um sorriso meigo para mostrar minha boa intenção.

— E, se eu terei que estar entregue e molhadinha todo dia, você terá que estar “preparadinho” todo dia — brinquei.

Ele segurou meu rosto entre as suas mãos para declarar:

— Estou imensamente feliz. Nunca antes eu havia me sentido assim. Estou apaixonado por você, cobrinha venenosa. E já aviso que toda vez que você criar encrenca e brigar comigo, eu correrei atrás porque fazer as pazes com você é a melhor coisa do mundo — disse, rindo-se.

— Olha quem fala. É você que gosta de criar confusão comigo. Aliás, já estou suspeitando que sempre foi proposital. Você gosta de me irritar. Essa é a verdade.

— Pare de mentira, criatura ardilosa. Venha, vamos para o chuveiro

tomar um banho e dar mais uma bem gostosinha — disse enquanto me pegava no colo para irmos para o banho.



Capítulo 13

Final feliz

Teo

Aquela manhã de sábado estava assim tão esplendorosa, ou seria consequência do meu bom humor? Não era só a manhã, era eu que estava me sentindo esplendoroso. Não lembrava de me sentir assim tão embevecido desde que me entendia por gente.

Eu e a Mariana dormimos juntos, abraçando-nos e nos acariciando. Acordamos e fizemos um amor lentinho. Agora eu estava na varanda para tomarmos um café juntos, mas ela disse que precisava me mostrar algo e foi lá dentro buscar. Enquanto isso, meus pensamentos viajavam nas lembranças

da noite passada.

Mas minha razão, traiçoeira, veio me cutucar com outros pensamentos. Eu e a Mariana ainda tínhamos uma pendência, em relação às terras. Agora, mais do que nunca, eu não queria que ela sofresse qualquer prejuízo.

Diante da situação, o melhor a fazer seria abdicar daquele trecho controverso. Eu teria que refazer meu projeto para adaptá-lo ao trecho que me sobrou. Ou, talvez, firmar com a Mariana um contrato para eu explorar as terras dela com a devida reparação financeira.

Essa seria uma conversa delicada que eu teria com ela, mas não queria estragar aquele momento delicioso que estávamos vivendo, com esses assuntos pragmáticos. Isso poderia esperar um pouco.

— Um tostão pelos seus pensamentos, senhor cachorrão. — Eu a ouvi dizer, interrompendo minhas caraminholas, enquanto se sentava à mesa com um papel na mão.

— Nada que mereça nossa atenção. No momento, só quero aproveitar sua companhia e esse queijo com goiabada. — Tentei desconversar.

— Hummm. Pela sua expressão séria, acho que estava pensando em algum problema. Talvez seja a questão que ainda está pendente entre nós. Por isso eu quero apresentar uma solução.

Eu me retesei. Estava tudo muito bem entre nós e fiquei com medo de

que algo estragasse isso. Mas a verdade é que aquele assunto viria à tona mais cedo ou mais tarde. Então era melhor enfrentá-lo logo.

— Mariana, antes que diga qualquer coisa, eu aviso que resolvi desistir da causa e da disputa por aquele trecho de terra. Darei um jeito. Vou adaptar o projeto de exploração, vou...

Antes que eu terminasse, ela me interrompeu.

— Acha mesmo que eu aceitaria uma coisa injusta assim? Você não tem culpa da confusão que fizeram. Não pode arcar com o prejuízo assim, sozinho. Eu posso ceder...

Aí foi minha vez de interromper.

— Ei. Pode parar. Eu não quero nada que seja seu. Estamos emocionalmente envolvidos e eu não vou me aproveitar disso. Por quem está me tomando? — eu questionei, num tom um pouco acima do eu desejava.

Com esse tom de voz impróprio, provoquei uma reação na Mariana e a sua ferinha interior despertou.

— E você? Por quem está me tomando? Também não quero nada que não seja meu — ela falou com rispidez, sentando-se mais ereta e colocando-se na ponta da cadeira. Ela estava em posição de ataque.

Céus, eu abri a jaula da onça.

— Minha proposta é justa para ambos. Eu proponho uma sociedade na exploração daquela parcela de terra. Arcaremos igualmente com os custos do investimento e também receberemos igualmente os lucros. Já tenho aqui nesse papel uma proposta elaborada pelo dr. João Borges — falou, empurrando o papel na minha direção.

— Minha única condição é que a questão ambiental e social seja rigorosamente... — tentou continuar ela.

— *Peraí*. Você e o seu “dr. Advogado” não desejam mais que eu preservar o ambiente. E, reafirmo, quero que aquele trecho de terras seja considerado seu. Daí podemos começar a negociar...

E assim recomeçamos uma nova briga. Não sabia mais como acabou, só sabia que foi na cama.

Talvez esse fosse o prenúncio do que me esperava na nossa vida de namorados e, se Deus permitisse e eu conseguisse controlar a fera, na vida de casados também. Rezei para que nossos filhos não tivessem o mesmo gênio da mãe. Ou o meu.

FIM



Devo às maravilhosas autoras independentes do Wattpad e Amazon o despertar do meu interesse em escrever e publicar.

Agradeço destacadamente à Fabi Dias e Christine King que gastaram suas horas da madrugada para ler meus capítulos, analisar, sugerir e revisar! Essas autoras ímpares e inteligentes merecem meu mais sincero “obrigada”.

Sou grata ainda à autora Anne Krauze que gentilmente tem dispendido seu tempo para trocar ideias e “receitas” literárias, além do seu próprio exemplo.

Meus agradecimentos não ficariam completos sem apresentar um enorme obrigado ao agente principal de todo esse processo: o **senhor leitor!**

Àquele que acompanha e apoia a literatura nacional, àquele que tem paixão suficiente para priorizar a literatura em seus momentos de lazer, àquele que tem fome de ler, àquele que se diverte e se entretém com nossos livros: um grande, um enorme, um verdadeiro, muito obrigada!



Apresentação da autora

Sou, antes de tudo, uma leitora.

Mas fui corrompida e contaminada pelo universo literário do Wattpad e da Amazon e acabei cooptada a escrever de forma independente!

Gosto de escrever contos bem-humorados e românticos com personagens que retratam pessoas do nosso dia-a-dia!

Minha maior alegria é oferecer alegria aos leitores!

Espero que se divirtam com meus rabiscos!!!

Conheçam minhas histórias disponíveis na Amazon e no Wattpad:



Outros livros da autora

Na Amazon

“A vida nua e crua”

“Amor nu”

“Comer, comer e amar”

“Os sete pecados de Hedonê”, na antologia de contos “Mulheres e seus prazeres”

No Wattpad

“Você decide”

“Help”



Redes Sociais

Sigam meus perfis nas redes sociais e fiquem por dentro dos últimos lançamentos.

Facebook

Página Eva K. Literatura

<https://www.facebook.com/EvaK.Literatura/>

Eva K. Autora

<https://www.facebook.com/evak.autora.58>

Instagram

eva_k._autora

https://instagram.com/eva_k._autora?igshid=xlwph85qcep

[1] "**Entre Tapas e Beijos**", música do cantor Nilton Lamas, gravada também por [Lindomar Castilho](#) em [1989](#). No mesmo ano, foi regravada pela dupla sertaneja [Leandro & Leonardo](#)

[2] "O trem azul", composição de Lô Borges e Ronaldo Bastos.

[3] "Vou deixar", composição de Chico Amaral e Samuel Rosa, conhecida na interpretação do Skank